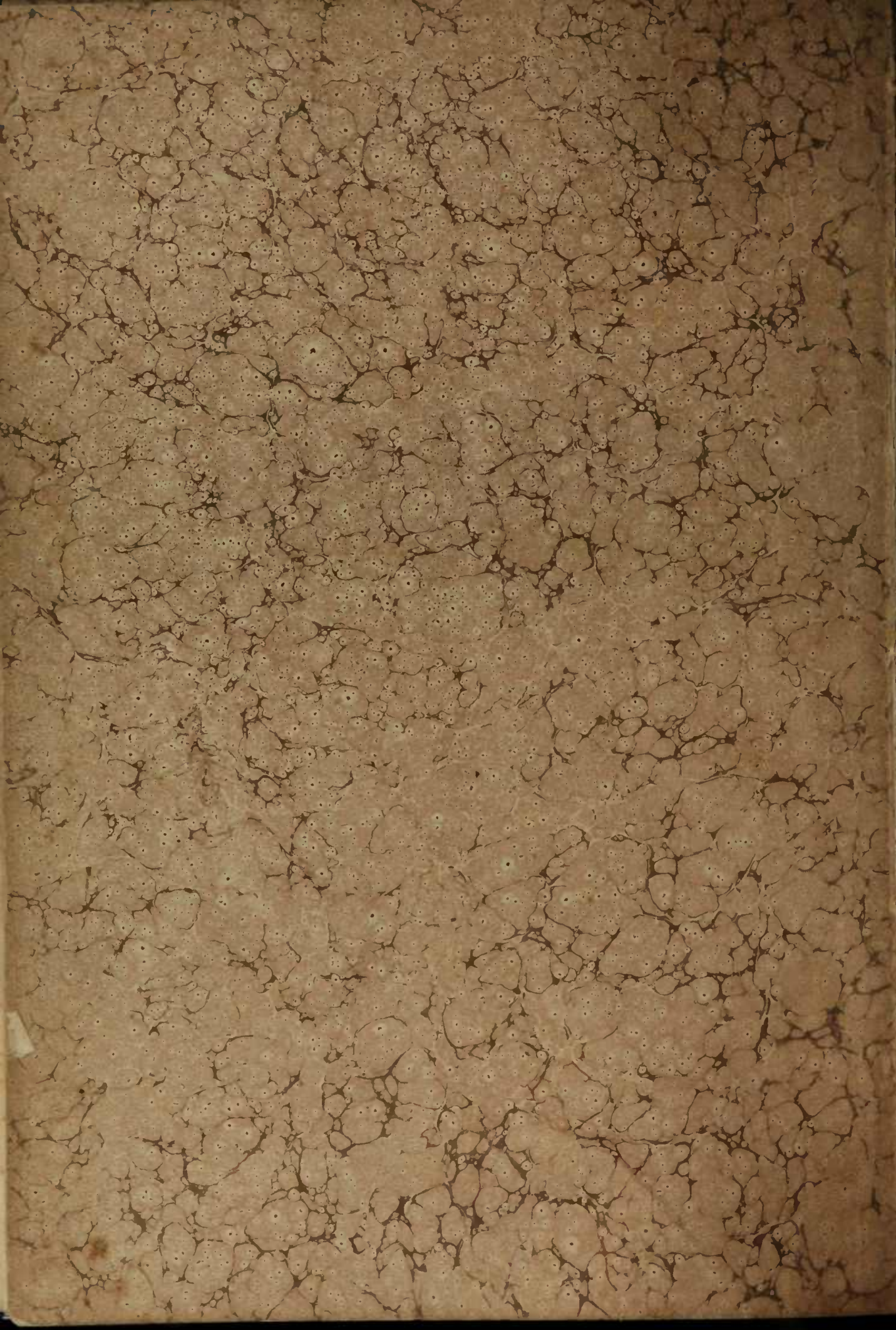




COBÉ

DRAMA EM 5 ACTOS

POR

JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

NATURAL DE ITABORAHY.

PERSONAGENS.

D. RODRIGO.

D. GIL DA CUNHA.

D. FUAS.

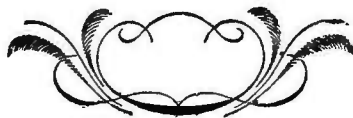
COBÉ.

BRANCA.

AGASSAMU'

VALENTINA.

A scena se passa no Rio de Janeiro, nos primeiros tempos da epoca colonial.



I

A PRAGUEJADORA.

ACTO PRIMEIRO.

SCENA PRIMEIRA.

O theatro representa parte d'um quintal murado: no ultimo plano da esquerda uma porta; ao fundo corre o muro, que antes serve de defesa, que de embelezamento; no terceiro e quarto planos da direita a frente d'uma casa com patim, para onde se sobe por uma escada de madeira; por baixo do patim duas portas pequenas, que dão entrada para dous quartos.

COBÉ, (*que entra pelo portão*).

COBÉ.

A guerra é certa: os brancos já se crêem
Poucos para lutar com nossos bravos,
E alliados indigenas concitam.
E pois em quanto Nicteroy submissa
Tolera em suas praias seus tyranos,
Meus irmãos mais álem erguendo o collo
A patria vingam, ou por ella morrem.
Só Nicteroy se humilha!... e onde seus filhos?!
Nicteroy.... de tupa a mais querida,
Cuja fronte encantado o sol doirava,
E extremoso o oceano os pés lambia,
Ei-la emfim offendida, e não vingada.
E onde seus filhos?... longe.... echo sinistro,
Raiva impotente exhala vão bramido.
Desses nobres tamoyos, que altaneira
Nicteroy se ufanava, hoje só restam
Ante ella alguns, para vergonha sua,
Servindo escravos, e soffrendo a vida:
Escravos!!! sim: escravos: porque tremo?...
Tambem o sou: acaso me envergonha
A baixa condição?... porque a suporto?...
Esta cabeça altiva, que outro tempo
Se ornava d'um cocar, hoje se curva
A's ordens d'um senhor.... oh!... sou escravo!...
Soffro que minha mãe comigo arraste
Infame captiveiro; desmentindo
De minha tribu a fama, perco a estima
Dos meus, e me contemplo envilecido!..
Um remorso cruel me despedaça....
Ao livramento os hosques me convidam,
E eu não fujo... eu persisto, e fico escravo!

MUSEU NACIONAL
BIBLIOTECA
MUSEU NACIONAL

BIBLIOTHECA GUANABARENSE.

SCENA SEGUNDA.

COBÉ e VALENTINA (*que apparece no patim e de lá falla*).

VALENTINA.

Cobé!..

COBÉ (*voltando-se promptamente*).
Quem é?...

VALENTINA.

Estáes só?..

COBÉ.

Sim: que me queres? (*desce Valentina do patim*).

VALENTINA.

Em nome da senhora te procuro.

COBÉ (*estremecendo*).

De Branca....

VALENTINA.

Sim: escuta. Apenas saia
O senhor D. Rodrigo, e só estejas,
Acode a um signal meu; no parapeito
Do patim me verás, e ao leve aceno
D'um lenço branco, sóbe, que te esperam.

COBÉ.

Prompto serei.... Porém tanto mysterio!...

VALENTINA.

D. Branca precisa assas fallar-te
Em confidencia: muito has merecido,
Confiança lh'inspiras, e um serviço
Immenso hoje t'implora.

COBÉ.

Amim!... implora?...

Não sou escravo della?...

VALENTINA.

Não de escravo

Antes de amigo officios vai pedir-te. (*Vai-se*).

COBÉ (*acompanhado Valentina até o patim*).

Ou escravo, ou amigo hei de, servir-a.

SCENA TERCEIRA.

COBÉ.

Ah! 'que emfim uma vez Branca seus olhos
Baixou sobre Cobé! A estranha dita
Me desatina: o coração recebe
A feliz nova, como o antro escuro,
Onde primeira vez penetra amigo
Raio de sol brilhante! Oh! não!. mais nunca
De escravo a condição ha de pezar-me.
Ser escravo de Branca é gloria immensa,
E' mais que a liberdade; mas que é isto?..
Porque tanto me exalto?.. como póde
A só idéa de acudir ás ordens
De Branca, ãssim de gosto inebriar-me?
Ah misero Cobé! debalde intentas
A ti mesmo encobrir o louco affecto;
Da verdade cruel a luz se expande
E brilha no teu seio: humilde escravo
Ousas erguer o coração té ella!..
Pobre insensato, as mãos estás alçando
P'ra tocar n'um thesouro resguardado
Muito ácima de ti, onde não chegas!..
Essa mulher tão fraca e delicada,
Que seu corpo quebráras entre os dedos,
Com o volver de seus olhos te governa,
Dobra a tua vontade a um leve aceno,
E abafa tua honra, e tua raiva.
Louco infeliz! preparas um supplicio
Horriavel, que terás.... talvez bem cedo:
Um dia...oh!. tarde chegue esse máo dia,
Tu mesmo... com teus olhos... has de vel-a
Em festivo cortejo ser levada
Aos braços d'um esposo... sim... tu mesmo,
Tu, que d'ella és escravo, has de seguil-a,
E testemunha ser das glorias d'outrem.
Agora... onves as frases, que a ternura
Ensina a esposa amante... logo apanhas
Um suspiro d'amor, que ao peito escapa

Do apaixonado esposo... as vezes chega
 A teus ouvidos o estalar dos beijos,
 Que elle dá, que ella paga... (*cedendo a um movimento de ciúme*) Que! não hei del.,
 Cobé.. primeiro..*(serenando)* - insano pensamento!..
 P'ra que criar tormentos no futuro?...
 Branca inda tão pura, ainda innocente,
 Não se lembra de amor, nem mesmo em sonhos.
 Não pertubemos pois com vãos temores
 De um mal vindouro do presente a dita;
 Cá de baixo e de longe erguendo os olhos
 Em segredo fartemo-nos de amala
 Sem pretensões.... sem fim... sem esperanças,
 Como aquelle que amasse a visão bella
 Em um sonho nascida, e evaporada.

SCENA QUARTA.

D. RODRIGO, e D. FUAS, (*que descem do patim:*
Cobé um pouco ao fundo).

D. RODRIGO—*mostrando Cobé.*—

Eil-o, Senhor D. Fuas, decidi-o:
 Ao serviço do rei eu vol-o cedo,
 Se elle nisso convir; que mais não posso;
 Pois prudente não é mandal-o á força
 E expor-nos á traição d'um máu soldado,
 Ou a vel-o fugir de nossas filas,
 E augmentar o poder dos inimigos (*voltando-se para Cobé.*)

Cobé, attento escuta o que te off'recem,
 E o que eu permitto, que offerecer-te venham.
 (*voltando-se para D. Fuas*)

Julgo útil deixar-vos só com elle;
 Ouvil-o-eis mais franco em minha auzencia.

Cobé (*segnindo com os olhos a D. Rodrigo que sahe pelo portão.*)

Que quererão de mim estes senhores?...

SCENA QUINTA.

D. FUAS e COBÉ.

D. FUAS.

Sabes, Cobé, que eu sou dos portuguezes
Um daquelles que só para os combates
Guardo o furor, que opprime a raça tua?...

COBÉ.

Senhor, sei que sois bravo, e sois humano;
Que vos bateis valente em campo razo;
Mas não sabeis escravisar selvagens.
Que mais quereis?

D. FUAS.

Mais nada: isso me basta.

Eu lastimo, Cobé, fataes abusos,
Com que meus companheiros se desmandam;
Ouço, e me dóe da humanidade o grito.
Missão sagrada de salvar-vos todos
Aqui nos trouxe; um Deos de paz sómente
Pregar viemos, e ensinar virtudes;
Vil ambição porém alguns cegando
Lhes tem feito olvidar tão nobre empenho,
E vós tendes soffrido os seus rigores:
Com torpe escravidão vós desnaturam,
Ensinam-vos vinganças se vingando
Roubam-vos filhos, pais, irmãos, esposas,
E o desespero vos acendem n'alma.

COBÉ

E essa espada, senhor, que ao lado tendes,
Não treme na bainha, e não vos pede
Ua mão, que a maneje, e puna aquelles,
Que assim nossos direitos atropelam?..
Do cavalleiro a espada ser devia
O appello da innocencia, e da virtude;
E que causa mais justa achar podieis,
Que essa, senhor, que é nossa e haveis pintado?..
Não lembrar a innocencia espesinhada
Desculpa as vezes um fatal descuido;
Mas ver o crime, e não queter punil-o,
Crime é tambem!

D. FUAS.

Quando o direito assiste
De castigar, Cobé; e esse eu não tenho.
Vós outros nos desertos vos punieis
Sem juizes, sem leis, sem fundamentos;
O ofendido matava; e essa vingança
Era entre vós a punição do crime.
Mas commosco outro tanto não succede;
Temos um rei e chefes, que governam,
E a quem cumpre fazer geral justiça.

COBÉ.

E chama-se justiça, o que soffremos?!!!

D. FUAS.

Já confessei que abusos se praticam;
Só o poder do tempo ha de vencel-os.
No entanto a causa sancta, que abraçamos
Avante levaremos; para bem vosso
Acesa ficará no mundo novo
A luz, que amostra o Céu, e aqui plantada
Da redempção a cruz, a lei do Christo.

COBÉ.

E um Deus, que é só de paz, pregaes com a guerra?..
Crenças, senhor, o sangue não fecunda.

D. FUAS.

Mas quando a estupidez foge á verdade,
E' justiça obrigar a conhecê-la.
Querieis que depois de esforços tantos,
Olvidando as mais doces esperanças,
De novo atravessassemos o oceano,
Deixando-vos nas garras do peccado,
E a terra de Cabral immersa em trevas?...

COBÉ.

A terra de Cabral?!!!

D. FUAS.

Sim: que te espanta?...

COBÉ.

A terra de Cabral?!!! um navegante,
Que açoitado por fêra tempestade,
Como a esponja, que o mar arroja ás praias,
Involuntariamente a nós se chega,

Tem juz acaso a possessão alheia?...
 A terra era já nossa e o será sempre;
 Quem, e com que direito ousou doar-lha?!!!
 A terra é de quem nasce sobre a terra;
 O deserto é do tigre, e do selvagem;
 Vós outros que deixaes vossas cidades,
 Se inda á vossa ambição os campos faltam,
 Pedi.... nós vol-os damos.... sobras temos;
 Mas a terra, Senhor, não, não é vossa.

D. FUAS.

E's altivo, Cobé, e eu te agradeço;
 Fallas comigo com franqueza extrema,
 Prova de confiança em minha honra.

COBÉ.

Sois leal.... e eu tambem nada receio.

D. FUAS.

Ouve-me pois e cede ao meu empenho.
 Erguido aqui o altar da christandade,
 A todo o custo conserval-o é gloria.
 Com a palavra, ou com a espada nós juramos
 O evangelho espalhar; tão nobre jura
 Cumpriremos a risca; em quanto os vossos
 A guerra nos fizerem, terão guerra;
 E todos vós, Cobé, a nós unidos
 Marchando á luta p'ra qu' a paz se obtenha
 Serviços prestareis a Deus, e a patria.
 Tão cedo brilhe a paz em nossos campos,
 Que logo o raciocinio ha de seguil-a:
 Esse tempo será feliz para todos;
 Comõ nossos irmãos vos olharemos,
 O ultrage feito a vós nos será feito
 Tereis vossa defesa em nossa espada.

COBÉ.

Sempre vos tenho ouvido essa linguagem
 E sempre um desmentido nos espanta!..
 Falha por velha e muito usada a astucia.
 Em apertado trance irmãos chamaeis-nos;
 Tudo nos prometteis; mas finda a luta,
 Como dantes nós somos ultrajados.

Que precisaes de mim, senhor, é claro;
 P'raque rodeios tantos?... fallai franco:
 Que me quereis?...

D. FUAS.

Deseconfiança inspiro?...

Cobé, quando me viste perseguindo
 Teus irmãos, ou por actos cayillosos
 Desmentindo a nobreza, que em mim falla?..

COBÉ.

Que me quereis, senhor?..

D. FUAS.

Não me respondes?!!!

COBÉ.

Ja disse que sois nobre, e cavalheiro,
 Que não vos semelhaes aos meus tyranos:
 Baste-vos isso; e o que quereis?.. dizei-me.

D. FUAS.

Sei que te peja a condição de escravo;
 Honra o teu brio o desprezar os ferros;
 Apraz-me a gloria de poder quebral-os.

COBÉ.

Nome de escravo por querer tolero,
 Não me atribula a condição por tanto.
 Pensaes, senhor, que á força aqui persisto?...
 Ah!... e os bosques?... e a natureza immensa?...
 E essas nobres montanhas orgulhosas
 Qu'inda de vossos pés virgens se applaudem?...
 Qual de vós ousaria ir lá buscar-me
 Se eu quizesse escapar de vossos ferros?
 Com minha agilidade de Tamoyo,
 Como uma setta foge do arco adunco
 A vossos olhos rapido-fugira;
 Atravessando selvas e torrentes
 O pincaro da serra galgaria;
 Então aos ramos d'arvore prendendo
 A rêde leve do feliz selvagem,
 Lá de cima... embalado pelos ventos
 Pelo bramir do tigre festejado,
 Sobre a minha cabeça o sol brilhando,

Vós outros pelas praias espalhados,
 Se podesseis, ver-me-íeis nobre, altivo,
 Orgulhoso no cume da montanha,
 Como se eu fôra o rei da natureza;
 E vos-olhando, ao muito, eu julgaria
 Ver pelos valles rastejantes vermes.
 Se eu quizesse fugir, e ser-vos cáro!...
 Pagar-vos uma á uma as horas todas
 De minha escravidão!... porém... eu beijo
 Os ferros de meus pulsos!... desgraçado
 De quem ousar quebrar estes meus ferros!...

D. FUAS.

Mas eu não comprehendo. ...

COBÉ.

Amo o socego...

Cansa-me a lucta... apraz-me o captiveiro.

D. FUAS.

E entanto era um appello a tua audacia,
 Convite ao teu valor, que ia fazer-te.
 Numerosos terriveis inimigos,
 Hordas inteiras de crueis selvagens
 Se ajuntam de redor de S. Vicente,
 Como essas nuvens negras, que annunciam
 A tempestade prompta a desfeixar-se.
 Pedido auxilio de enviar se trata;
 Poucos são os soldados, que dispomos,
 E no trance, em que agora nos achamos,
 Cumpre chamar indigenas amigos.
 Queres partir, Cobé, e ser dos nossos?...
 Sagrada causa defender galhardo,
 A santa religião manter illesa,
 Ganhar timbres de gloria, e de nobreza?...
 Eu em tua bravura assás confio,
 Sinto em teu peito o coração de um bravo:
 Serás meu irmão d'armas.

COBÉ.

Não pretendo

Encobrir-vos, senhor, meus sentimentos,
 Nem falso motivar a minha excusa.

Ouvireis a verdade toda inteira.
 Essas ferreas columnas, que se aprestam
 Contra os miseros filhos do deserto,
 Inscvem nas bandeiras—Deus e Gloria;—
 Esse, é o mote que apparente mostram ;
 Mas, se os seus corações fallar podessem,
 Aberto o peito, a palpitante viscera
 Gritaria—ambição!... ouro!... riquezas!...
 Talvez que um só lá vá por nobre empenho;
 Esse sois vós; mas nem por isso devo
 Para servir-vos esquecer meus brios.
 Que!... havia Cobé de unir-se aos vossos,
 Combater seus irmãos, e após sem pejo
 Vêl-os gemendo ao peso das cadêas,
 E ao grito d'um senhor curvando a fronte,
 Que jámais se dobrara aos inimigos?...
 Senhor Dom Fuas, sois fidalgo, e rico,
 Civilisado e nobre cavalheiro ;
 Eu sou apenas rustico selvagem ;
 Mas o dever de amar o patrio berço
 É igual p'ra o fidalgo, e p'ra o Tamoyo.
 Ide pois combater... gloria suppondes...
 S ervis ao vossó rei nos debellando ;
 Dai porém, que Cobé fique inda escravo,
 Não chegue a ser traidor não vos seguindo,
 Possa em fim nos segredos de su'alma,
 Ao vosso proprio Deos... pedir constante
 A morte para vós... p'ra os meus victoria.

D. FUAS.

Cobé!...

COBÉ.

Podeis expôr, quanto vos-dice:
 Cedo o castigo seguirá meu crime ;
 Severa punição... talvez que a morte...
 Ah senhor! mas a morte é paz eterna,
 E o sangue derramar de irmãos e amigos,
 Erguer o braço contra o patrio solo,
 É infamia... é torpeza. é vilani a

D. FUAS,

Decidido tens pois ?...

COBÉ.

Dice o que basta.

D. FUAS.

Não me segues, Cobé ?...

COBÉ.

Prefiro a morte.

D. FUAS. (*depois de observar, se estão a sós*).
Cumpriste o teu dever... silencio agora ;
O que entre nós passou seja um segredo,
P'ra que não punam o que em ti é crime,
E n'outro honra seria: a tua excusa
Saberei desculpar: em paz te fica:
Adeus...

COBÉ. (*suspendendo D. Fuas*).

Senhor... ouvi-me: o nobre sangue
Não gelará de pejo em vossas veias,
Se apertardes a dextra d'um selvagem ?...

D. FUAS (*estendendo a mão e apertando
a de Cobé*).

A honra, e o valor irmana os bravos! (*vai-se
pelo portão*).

SCENA SEXTA.

COBÉ. (*depois d'um momento de silencio*).

No entanto a minha raça, audaz, briosa
Toda antiga nobreza inda conserva:
Nenhum de meus irmãos desmente a gloria,
Só eu me abastardeio por cobarde.
Cobardel... oh miseravel paixão minha,
Que abaixo de mim mesmo me collocas !...
Em quanto os meus briosos companheiros
Em defesa da patria a morte arrostram,
Eu indolente e vil, dormito escravo,
Ou deixo que minh'alma vá de rastros
De feminil vestido após a cauda.
Vejo em minha fraqueza enorme crime,
Devora-me incessante atroz remorso,

E persisto no crime, e na fraqueza !,..
 Maldicto coração !... oh! sim, maldicto,
 Que póde mais que a patria, e que a virtude.

SCENA SETIMA.

COBÉ E AGASSAMU' *(que entra por uma das portas
 que ficam debaixo do patim).*

AGASSAMU'.

A que horas... quando partes ?...

COBÉ. *(confuso).*

Por piedade...

Deixa-me.... eu soffro... e muito...

AGASSAMU'

Aqui ha peste,

E deshonra, que é mais; e lá te chamam

Teus irmãos, e a vingança!...

COBÉ.

Eu sei... mas basta.

AGASSAMU'

Resistes inda, e de pudor não córas,

Quando de um filho tal já me envergonho ? !!!

COBÉ.

Oh miseria!!!

AGASSAMU'

Ficar aqui não deves,

A tua hesitação é vil delicto,

Que só prompta partida lavar póde.

Dentro do seio meu não se gerara

Um vil traidor... tu és Tamoyo ainda.

Vai!... não te sigo; porque os pés me arrastam,

Pés a velhice, e demorar-te havia:

Vai, que eu te espero! e um dia esta vergonha,

Que eu sinto ao te julgar desnaturado,

Verás como se troca em gloria extrema,

Quando victorioso me trouxeres

O craneo d'um dos perfidos imigos:

Dar-te-hei por esse craneo a benção minha!...

Vai!... atravez de campos e devezas

Chega onde os nossos a atacar se aprestam;

Chega a tempo, Cobé, de entrar em lucta,

E sê bravo como eras; vil piedade

Longe seja de ti; cada um teu golpe
 Custe uma vida ás Portuguezas hostes.
 Quanto mais sangue derramar teu braço,
 Tanto mais grata me acharás tornando:
 Ou não volta, ou voltando traz-me um craneo;
 Vencido não te quero: ou vence, ou morre;
 Vai!!!.

COBÉ.

De que modo esconderei meu rosto ?!!!

AGASSAMU'

Inda ousas demorar-te ?...

COBÉ.

Impraticavel

É a fuga... de espias stou cercado...
 Se dou um passo p'ra fugir... me matam.

AGASSAMU'

Morto assim te amarei; vivo te o deio!

COBÉ. (*apparece Valentina no patim*).

Mas de que vale perecer sem gloria?

AGASSAMU'.

Muito mais que viver aqui sem honra.

COBÉ. (*volta-se e vê Valentina*).

Oh! eil-a... é Valentina... em que momento!...

AGASSAMU'.

Vai...

COBÉ. (*Valentina faz o signal com o lenço*).

Oh! não possol.. (*aparte*) ella me acena!...

(*vai-se Valentina*)

Eu corro.

Aos pés de Brancal... (*querendo ir-se pelo patim*).

AGASSAMU' (*com brado terrivel, que suspende*

Cobé, que tem um pe na escada).

Infame, páral... (*Cobé fortemente*

abalado até o fim).

Outro, não tu, me illudirá fingindo:
 Eu sei o que te prende e te envilece,
 E se em mim não cahisse a tua infamia,
 Insensivel te houvera abandonado.
 Escravo! escravo! os olhos tens erguido
 Até á filha do senhor que serves;

Ousas amar a filha de um fidalgo,
E a seus pés tua honra sacrificas.
Pois bem; cede aos impulsos desse affecto:
Fica! e consumma a obra da vergonha!
Devorador remorso hade pungir-te;
Em toda parte te acharás com elle,
Como um espectro vingativo e fero.
Bastardo vil da geração dos bravos,
Fica, que os bravos córarão de olhar-te
Vivo, e te negarão morto uma coval
Fica, e prosegue em teu amor nefando,
Que será esse amor o teu castigo!
Possa Branca jámais lançar-te os olhos,
Ou te olhe somente como escravo!...
Possa amante feliz de Branca esposo
Com a gloria sua envenenar teus dias!...
Possa esse teu amor levar-te á mortel...
Fica, sim, monstro espurio, eu te renego!...
Olvida teus irmãos, infame, fica!...
Fica! mas vive a vida dos infames!
Fica! mas soffre a morte dos cobardes!...
(Cobé cahe sobre a escada do patim assentado).

O PANNIO DESCE.

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

II

A ESCOLHA DO CONFIDENTE.

ACTO SEGUNDO.

SCENA I.

O theatro representa um gabinete: ao lado esquerdo uma porta que dá para fóra; ao fundo outra, que se abre para a camara de Branca; cadeiras, ao lado direito e para o fundo uma mesa alta e sobre ella um oratorio fechado.

BRANCA E VALENTINA.

BRANCA.

Como elle tarda!...

VALENTINA.

A mãe lhe embarga os passos.

BRANCA.

Conversemos... distrae-me, Valentina;
Não me deixes ainda... eu tenho medo
De ficar só... entregue a um pensamento,
Que hoje me pésa... que eu não sei que seja...
Que não se explica... ou que talvez do espirito
Seja uma previsão!...

VALENTINA.

Porém... que causa?..

BRANCA.

Não sei: vem cá de dentro; não se explica.
Infeliz despertei... respiro oppressa,
Eis tudo o que concluo de mim mesma.

VALENTINA.

Em nossa vida temos já de sobra
Desgostos a provar; p'ra que dobral-os
Males sonhando no futuro incerto?..

BRANCA.

E' a proprio pezar que me entristeço:
A alma, Valentina, não se doma.
Quando lugubre scena ante nós temos,
Fechando os olhos della nos livramos,
Ou indulgentes pés longe nos levam;
Mas os quadros do espirito triumpham;
O cego os vê... não ha fuga possivel;
Na solidão... na festa... no banquete,

Ufano, o pensamento inabalavel
Firme... dentro de nós, como que brada:
« Sempre aqui !.. »

VALENTINA.

E' assim; eu comprehendo;
Porém, Senhora, dae que eu vos confesse;
Nada vossos pezares justifica;
Antes tudo assignala a vossa dita.
De vosso natalicio hoje é o dia...

BRANCA.

Julgar uma ventura ter nascido,
E' bemdizer a dôr e amar a morte.

VALENTINA.

Sois moça...

BRANCA.

Fui criança, e serei velha;
O enlevo do presente é destruido
Pelas saudades de um passado ameno,
E pelo medo de um futuro acerbo.

VALENTINA.

Sois bella...

BRANCA.

Não se o é impunemente!
Por que preço a mulher paga a belleza!
Quantos só por que a rosa se abre linda
Se julgam com direito de colhel-a?...
E quando p'ra adoçar seu captiveiro,
Pobre rosa escolheu mão que a colhesse?..

VALENTINA.

Rica e nobre...

BRANCA.

São dons, oh Valentina,
Que das cadeias dobram-nos o peso.

VALENTINA.

Que mulher bemdiria então a vida?..
A desgraça será partilha nossa?..

BRANCA.

A mulher, Valentina?... eil-a no mundo,
Menina alegre, que se agita e brinca,

Que se sorri, oh misera insensata,
Porque não pensa, ou crê no seu futuro;
Que de dia e de noite se está rindo;
De dia com as festivas companheiras,
E de noite com os sonhos de su'alma:
Riso... inda o riso... e os annos vão passando
Até que chega o instante inopinado
Da reflexão primeira duvidosa.
Dentro d'alma de subito se accende
Um desejo que mal se explica ainda;
Sente-se um vacuo no virgineo seio...
Começa de fallar a natureza:
De dia... em vez de rir, se está pensando...
E nos sonhos da noite vê-se um homem;
Mas um homem porque, não se compr'ende!
Emfim, rasga-se a venda; eis que apparece
Ante a mulher o homem já sonhado,
Pr'a quem propende a chama do desejo,
Por quem do seio o vacuo se preenche.
Quem a ensinou a amar, que o sabe tanto?..
Oh! quem?.. se no principio inda ella mesma
Nãosabe que ama, e ama apaixonada?..
Ella ausente desse homem vel-o almeja;
Presente estando não se atreve a olhal-o;
A voz lhe falta, se fallar procura,
E aos olhos d'elle toda pejo córa.
Córa?.. por que?.. ha crime no que sente?..
Não; e filha de Deus a natureza,
Suas inspirações de Deus procedem:
Portanto nesse amor tudo é sagrado;
Da mulher a ventura d'elle pende;
Entre os dous corações erguer barreiras
E' votar ao martyrio uma innocente,
E encher o seu porvir de negras cores.
Pois é este o destino, Valentina,
Que quasi sempre a nós, miseras, cabe.
Precisas de um exemplo?.. eil-o a teus olhos
De meu amor ha muito a historia sabes!

VALENTINA,

Mas então vosso pai...

BRANCA.

Ainda ignora,
Por minha f'licidade este segredo.

VALENTINA.

Por tanto, vossa magoa é prematura.

BRANCA.

Eu já lamento um mal que é sem remedio.

VALENTINA.

Pensaes que vosso pai...

BRANCA.

Tenho certeza
De que elle ha de ser surdo a meus gemidos.
Frio, austero como é, eu temo tudo,
E nem terei valor para queixar-me.

VALENTINA.

Agigantaes, Senhora, as vossas penas;
O Senhor Dom Rodrigo vos estima.

BRANCA.

Mais estima seus tit'los de nobreza;
E nunca quererá dar sua filha
Ao pobre Estacio, um simples cavalleiro.

VALENTINA.

De temer o futuro razão tendes;
Mas chorar o presente é pouco justo.
Deste amor vosso pai nada suspeita;
Talvez que em vos casar nem mesmo pense...

BRANCA.

Já disse que a mim propria não me entendo.
Dentro do peito sinto um dessocego...
Por que não sei... procuro distrair-me,
E sem querer de novo me entristeço.
O que é isto?... talvez mysterio d'alma:
O coração ás vezes presagia.
Póde ser que eu presinta uma desgraça;
Ah! Valentina, o coração não mente.

VALENTINA.

Soçegai-vos.

BRANCA.

Socego eu só teria,
 Se o meu Estacio ao pé de mim velasse.
 Quem me póde animar, se elle está longe?..
 Fraca, qual sou, careço de defesa,
 Preciso ter quem animo me inspire,
 E escude o meu amor: e elle está longe!..

VALENTINA.

Vossa carta fará que cedo volte.

BRANCA.

E quererá Cobé...

VALENTINA (*sentindo raído*).Silencio.. (*vai observar e volta*) é elle.

BRANCA.

Vai-tê, e vê que meu pai nos não surprehenda.
 (*Sahe Valentina e entra Cobé*).

SCENA II.

BRANCA e COBÉ.

COBÉ (*aparte entrando*).

Que quererá dizer-me?. estou confuso.
 Tremo. porque, não sei.

BRANCA.

Cobé!..

COBÉ.

Senhora... (*Aparte*
e commovido).

A sua voz no coração me sôal..

BRANCA.

Chega-te mais... (*Aparte e vergonhosa*) Acanha-me este passo,
 Toda vacillo e tremo...

COBÉ.

As vossas ordens

Anhelo receber p'ra executal-as
 Em tudo.

BRANCA.

Em tudo?

COBÉ.

Exp'rimentae, Senhora.

BRANCA.

Pois sim, Cobé, em ti bem merecida
Confiança deponho, e vou provar-t'o,
Depositar preciso no teu seio
Um segredo infeliz...

COBÉ.

Fallae sem medo:

Sei ouvir e calar; morro e não fallo.

BRANCA (*aparte*)

Ah! gela-me o pudor! animo e força
Amor me empreste, ensine-me o que devo.

COBÉ (*Aparte observando Branca*).

Vacilla e tremel... Por que hesita ella?..

BRANCA (*Depois de algum silencio entre os dous*)

Cobé, tens padecido?

COBÉ.

Inda padeço:

Meus desertos o fogo tem queimado;
A minha terra vejo conquistada;
Livres arcs que flexas só fendiam,
Hoje rasga o canhão dos Portuguezes,
E meus pais, meus irmãos por toda parte
Em fuga ou mortos, ou que é mais, escravos!...

BRANCA.

E tu também, Cobé, captivo choras...

COBÉ.

Não é de mim, Senhora, que eu vos fallo;
Prefiro á liberdade estes meus ferros.

BRANCA.

E outro mal, fóra esses, não conheces?

COBÉ.

O mundo é cheio delles.

BRANCA.

E que julgas?

Qual será o mais féro d'entre tantos?

Qual o maior?

COBÉ (*depois de reflectir diz sentidamente*).

O amor sem esperança!...

BRANCA (*estupefacta*).

Cobé!...

COBÉ.

Sim... sim... o amor sem esperança!..

BRANCA (*com força e paixão*).

Oh! tens razão!.. é isso!..

COBÉ (*aparte*).

O que diz ella?

Acaso penetrou meu pensamento?..

Por ventura se dóe dos meus martyrios?..

BRANCA (*aparte*).

Meu Deus! sabe elle já de meu segredo?..

COBÉ (*aparte*).

Oh! quanto soffro!... mas que dôr tão doce!...

BRANCA (*com fogo, voltando-se para Cobé*).

Então tu comprehendes as torturas

Com que dous corações se despedaçam,

Quando em laços de amor querem ligar-se,

E um destino cruel quebra esses laços?..

COBÉ.

Oh! sim! eu comprehendo, eu vejo mesmo

Ali o desgraçado que a fortuna

Faz rastejar no pó, tendo azas n'alma,

Que quèr voar ao sol, onde fulgura

O bem que adora, e que na terra prezo

Não lhe é dado sorver lume tão bello!..

BRANCA (*aparte*).

Leu na minh'alma!.. quem?.. quem lh'o diria?..

(*Para Cobé*).

E' isso!.. é isso!.. e a misera que ama,

Que maldiz a fortuna, que tão alta
Sem consultal-a apoz... Cobé, concebes,
Quanto ella soffre quando as mãos estende
Para esse que lhe mostra um céu de flores
Em seu valle de amor, e apalpa e toca
Em barreira de ferro que levantam
Entre elle e ella,.. entre o desejo e a gloria?..

COBÉ.

E o desgraçado? ... pesaes bem, Senhora,
Seus martyrios crueis?.. Ao desgraçado
O amor é um flagello, e a vida um peso!
A mulher que idolatra, é seu tormento;
Junto della só bebe atroz veneno;
E o infeliz de continuo a está seguindo
Por toda parte, e em toda parte esbarra
Com a dita alheia e a miseria propria!..
Ah! Senhora, quando elle apenas ousa
Erguer timido olhar, sorrindo n'alma,
Aos pés do caro objecto, mil mancebos,
Tão altos como ella, vê que a cercam
E lhe off'recem de amor ternos protestos,
Que vêm soar do misero aos ouvidos.
No sarão a mão delles toca a della,
Seus vestidos se roçam, se confunde
O ar, que elles respiram, ledos brincam...
Gracejam.... mutuamente trocam risos...
Ah! não, Senhora, não! ninguem compr'ende
O que se soffre então, sem ter soffrido
Tambem martyrio igual: dentro do peito
O pobre coração quasi que estala!
Tudo é negro na vida; o dia... a noite
Tem o mesmo tormento á toda a hora.
Se no leito, um instante, em fugaz sonho
Elle consegue o que acordado almeja,
E um acaso feliz lhe off'rece a posse
Da mulher que idolatra, a mão terrivel
De um genio malfeitor vem sacudil-o,
Acordal-o e ferir brado sinistro
Que no futuro echôa: « nunca!.. nunca!..

Impossível! Oh nunca!.. » e o seu sombro
 Em funesto pezar prompto se torna.
 De dia, se elle a segue, se atormenta:-
 Cada encanto que vê é novo golpe,
 -Pois vê o que ama e o que gozar não póde;
 Se lhe foge, suspira longe della,
 Quer distrair-se, e em seu amor só cuida.
 Oh! e jamais, Senhora, uma esperança;-
 Na solidão, n'um ermô, em toda parte
 Esse praguento brado vem soar-lhe;
 Não ha silencio... não... em toda parte
 O destino lhe diz: « nunca impossível!.. »
 Ninguém falla, Senhora, e o miserando
 Ouve sempre o clamor do desengano!!!

BRANCA.

Cobé, tu amas?...

COBÉ.

Eu?... oh?... não... não amo.

BRANCA.

Só pinta assim amor quem o têm n'alma,

COBÉ.

Ah! Senhora!...

BRANCA.

Tu soffres como eu soffro...

Tambem amas, Cobé!...

COBÉ.

Pois sim... eu amo!...

Porém vós não sabeis como é que ferve
 Abrazada paixão no seio ardente
 Do filho das florestas: o selvagem
 E o homem do amor e da vingança!
 Livre, forte, sem rei, sem leis, sem medo,
 Mal sente algum desejo, o braço é prompto
 Em preparar-lhe o gozo: os obstáculos
 Servem somente de atizar-lhe a flamma.
 Duas grandes paixões só nelle podem,
 Paixões que nutre, que os avós lhe ensinam,
 Por virtudes as tem, nunca as esquece;

Ninguém ha de extinguil-as. A vingança,
 Uma dellas, Senhora, inapagavel
 Dentro do coração se aninha e guarda,
 A's vezes dura o tempo de uma vida,
 E' a outra o amor: sentindo a chamma
 Que nelle o affecto de improviso accende,
 Aos pés d'aquella que o venceu se prostra
 O extremoso selvagem; só por ella
 Respira, vive e applaude a natureza.
 A adoração, que a um Deos só pertencia,
 Elle a essa mulher tributa ardente;
 A mulher é seu Deus! antes de amal-a
 Era seu coração de affeições baldo,
 Escura... horrivel noite; amiga lua
 E' esse amor que lhe dissipa as trevas.
 Ah! e quando, Senhora! iniqua sorte
 Entre elle e seu amor cava um abysmo;
 Quando esse fogo faz-se tão violento,
 Que abraza o seio, que envenena o sangue;
 Quando elle affeito a não domar desejos,
 Deseja emfim debaldê e nada espera,
 O que resta ao selvagem se lhe arrancam
 Seu Deus e seu amor?.. o que lhe resta?..
 Senhora, não sabeis?.. resta a vingança!..

BRANCA.

Infeliz!.. e roubaram-te quem amas,
 Ou della te arrancaram?..

COBÉ.

Que!.. eu amo?..

Quem dice que eu amava?

BRANCA.

Quem? tu mesmo,

COBÉ (*com inesperado fogo*).

E' certo, ouvi: com esse amor de chammas,
 Com esse amor-agreste e desabrido;
 Que nos ermos accende a natureza,
 Eu me abraço, Senhora; por quem amo
 Não ha... não ha perigo que me espante,

Sacrificio não ha a que eu recue.
 A mulher que idolatro me enlouquece;
 Ella é o astro que brilha p'ra os meus dias,
 Ar que nutre de minha vida a flamma,
 Pomba que doma e senhora um tigre.
 Quando seus olhos para mim se volvem,
 Meu furor de selvagem desaparece;
 Se escuto a sua voz, todo me abalo,
 Qual por doce harmonia arrebatado.
 Oh! Senhora, em silencio a um tempo immenso,
 Hoje emfim vós tocaeis nesta ferida...
 Insensato escutei vossas palavras...
 Perdi-me... e pois... (*suspendendo-se*) vós ides talvez rir-vos...
 Ah! não!.. não vos riaes!.. ouvi-me... eu amo!..(*suspendendo-se*
e diz com sigo)
 Cobé... que ias dizer?.. oh! desditosq!... (*a Branca com frieza*).
 Mandastes-me chamar, obediente
 Qual vosso escravo sou, corro a servir-vos:
 Que me ordenaes, Senhora?

BRANCA.

Tal mudança

De repente, Cobé!..

COBÉ.

Esquecei tudo:

Dice loucuras, olvidal-as cumpre;
 Fallei de mais: vós só fallar devieis.
 O que mandaes?

BRANCA.

Oh! Céos!...

COBÉ.

Em vosso escravo

Podeis fiar-vos.

BRANCA.

Sim, Cobé, eu fallo.

Tu que amas serás piedoso ao menos;
 De nós se dóe quem soffre o que soffremos;
 Porque... Cobé... eu tambem amo...

COBÉ (*interrompendo-a rapidamente*).

Amaes!...

BRANCA.

Meu coração ha muito tempo escravo
Tem sabido occultar seus sentimentos;
Mas hoje enfim preciso confessal-os.

COBÉ (*com força*).

Ah! vós amaes?.. e a quem?..

BRANCA.

Cobé, tu tremes?..

COBÉ (*procurando em vão socegar*).

Não é nada... Dizieis...

BRANCA (*muito vergonhosa*).

Ternos laços

A Estacio me prendem...

COBÉ (*quasi suffocado*).

Que!...

BRANCA.

Não falles...

Deixa que de uma vez eu diga tudo.

COBÉ (*com desespero*).

Quereis então lançar mortal veneno
No meu seio, e fazer-me o confidente
Desse amor!...

BRANCA.

E que a prol delle te empenhes,

Pois muito podes...

COBÉ (*rapido*).

Nada posso!... eu vejo

Somente o inferno aos olhos meus se abrindo!...

BRANCA.

Ah! por que te exasperas? ouve ao menos:
Vão partir esta noite alguns soccorros
P'ra São Vicente; ha falta de guerreiros,
E indigenas fieis são convidados:
E's meu escravo, eu dou-te a liberdade;
A São Vicente vai; lá está quem amo;
A Estacio falla apenas desembarques;

Diz-lhe por mim o que eu dizer pudera;
E mais ainda; diz-lhe que eu receio
Muito por este amor que ambos juramos;
Que a minha alma presente uma desgraça;
Dom Gil da Cunha minha mão pretende,
E eu temo que meu pai lhe apoie o intento;
Que cedo volte, pois anciosa o espero;
Que venha p'ra salvar-me, e que não tarde.
Eis quanto de ti quero, e o que te peço.
Então, Cobé, que dizes? tu vacilas?..

COBÉ.

Sabeis o que pedis e a quem, Senhora?!..

BRANCA.

Eu o sei. porém dou-te a liberdade.

COBÉ (*aparte*).

Como o dia p'ra mim mudou-se em trevas!..
Até o proprio amor de um pobre escravo
Passa despercebido, e ninguém nota!..
Póde elle amar um seculo... que importa?..
Quem repara no vérme que rasteja?!!!

BRANCA (*como rogando*).

Cobél.. Cobél..

COBÉ.

Senhora... não... não posso...
Ouvi.. vós não deveis.. um crime.. (*aparte*) ah! louco,
Nem sei que digo!.. (*a Branca*) sim.. talvez suspeitem..
Descubram tudo.. ficarei perdido.. (*crescendo em força*).
E por quem?.. por Estacio?.. Ama-vos elle?..
Com que amor?.. Ah! Senhora, esses extremos
Dos cavalleiros brancos são fingidos;
Não tem da natureza o fogo ardente;
Vossa civ'lisação o amor transmuda,
Altera o sentimento... apaga a flamma...
Vós não sabeis amar!.. mentis mil vezes!!!

BRANCA (*com tom de reprehensão*).

Cobél..

COBÉ.

Perdão... estás vendo que eu desvairo...
Insanias aventure...

BRANCA (*com dôr*).

Desgraçada!..

COBÉ (*aparte*).

Quem mais soffre sou eu, e ella não pensa!!!

BRANCA.

E então... o que te peço?..

COBÉ:

Um impossivel!!!

Isso não... tudo mais... a minha vida

Prompto vos dou; mas cooperar p'ra ver-vos

Nos braços de outro homem... Quel.. oh! nunca!..

BRANCA.

Oh! céo! homem cruel, o que te importa

O amor de Branca?..

COBÉ:

O que?.. o que me importa?..

Pensa (*aparte*) que indifferente possa vel-a

Feliz junto de um outro que a idolatra,

Que terá sua mão presa entre as delle...

E ha de beijal-a... oh!... perco-me se fico...

Devo sahir... (*fazendo um movimento para sahir;*

entra Valentina).

SCENA III.

BRANCA, COBÉ e VALENTINA (*apressada*).

VALENTINA.

Senhora!..

BRANCA (*correndo para Valentina*).

Valentina!..

VALENTINA.

Vosso pai a fallar-vos se encaminha.

BRANCA (*assustada*).

Meu Deus!.. (*a Cobé*)... sahil..

VALENTINA.

E' tarde; elle o veria,

E o por que estava aqui saber quizerá.

COBÈ.

33

COBÉ (*calmo*).

E eu não diria.

BRANCA.

E então?..

VALENTINA.

Cumprе occultal-o.

BRANCA.

Onde?..

VALENTINA (*apontando para o quarto de Branca*).

Depressa... aqui...

BRANCA (*como querendo oppor-se*).

Céos! no meu quarto!...

VALENTINA.

Por um momento só: Cobé, silencio!...

COBÉ (*suspirando entra no quarto*).

No seu quarto!!!

BRANCA (*a Valentina*).

Tu não me desempares. (*procura socegar*).

SCENA IV

BRANCA, VALENTINA e D. RODRIGO.

D. RODRIGO (*a Valentina*).

Retira-te... (*retira-se Valentina*).

BRANCA.

Meu Deus!..

SCENA V

BRANCA e D. RODRIGO.

D. RODRIGO.

Ouve-me, Branca,

Serio dever ao pé de ti me chama.

Vejo que os annos rapidos se volvem,

E é tempo de cumprir missão sagrada,
 Que a natureza, que te fez, te incumbe.
 Talvez que ha muito o coração te pede
 O esposo que feliz deve tornar-te;
 Como pai desvelado não me esqueço
 Do que convém de minha filha á dita.
 Esposo te escolhi, e posso dar-me
 Os parabens do noivo que te off'reço;
 Como somos, é nobre, honrado e rico:
 Nobre, o nome não póde marear-nos;
 Honrado, a estima publica merece;
 Rico, póde fazer que a vida passes
 No seio de prazeres e venturas.
 Das nupcias o altar se accende em breve,
 De tal saber julguei que estimarias,
 Como pai amoroso vim dizer-t'o
 E portanto dispõe-te p'ra bem cedo
 Seguir o esposo que te o céu destina:
 Seu nome o coração já te adivinha,
 E' D. Gil.

BRANCA (*a parte*).

Oh! meu Deus!..

D. RODRIGO.

Muito não tarda,
 Que ordens de um pai cumprindo, vás segui-o.
 Esta noite a teus annos dedicado
 Um saráu te preparo; no fim d'elle
 Publicada será a feliz nova
 De teu consorcio; e presto o casamento
 Seguirá a noticia venturosa.
 Dispoe-te pois: eis tudo o que me cumpre
 Dizer-te como pai; em paz te fica. (*Querendo ir-se*)

BRANCA (*suspendendo-se e cahindo-lhe aos pés*)
 Meu pai!.. meu pai!..

D. RODRIGO.

Que é isto?.. o que me queres?..

BRANCA.

Não me lanceis, Senhor, de vós p'ra longe
Tão cedo... inda sou moça... inda não quero
Ligar-me a um homem que meu pai não seja.
Ouvi-me: eu ficarei mais alguns annos,
Ou, se quizerdes, minha vida inteira
Ao pé de vós! Senhor, sou vossa filha,
Quem, melhor do que eu, póde sensível
Zelar cuidosa vossos velhos annos?..
Não é assim?.. eu ficarei com vosco...
Vós vos arrimareis sobre os meus hombros
Passeando... De tarde no meu collo
Pousareis a cabeça enbranquecida;
A noite minhas mãos hão de aquecer-vos
Os pés, e eu viverei para servir-vos
Como filha que sou, ou como escrava;
Mas casar-me, Senhor, ahi não; piedadel...

D. RODRIGO (*erguendo-a*).

Ergue-te, Branca, e respeitosa cuida
Em cumprir minhas ordens.

BRANCA.

Pai!..

D. RODRIGO (*interrompendo-a*)

Silencio.

Não me devo abaixar a ir ver a causa
De tão inesperada repugnancia.
Não quero conhecê-la: sim, quem sabe
Se pudera depois chamar-te filha,
Ou se de castigar-te não teria?..
Desprezo a causa como as preces tuas;
Contenta-me mandar que me obedeças.

BRANCA.

Infeliz!...

D. RODRIGO.

Não serei um pai tão fraco
Que esqueça meus direitos, p'ra dobrar-me
Ao que me diz avoz da inexperiencia.

Devem os nobres dar exemplo ao povo,
Devem aos pais obedecer os filhos.
Dom Gil é já teu noivo, e dentro em pouco
Teu marido será, assim t'ó ordeno. (*Vai-se*).

SCENA VI.

BRANCA (*exasperada*).

BRANCA.

Dom Gil da Cunha!.. oh! Deus!.. que sacrificio!..
Eu mulher de Dom Gil ?!! (*lança-se ao oratório, abre-o
e cahe de joelhos.*)

SCENA VII.

BRANCA e COBÉ (*pallido e combatido por diversos
affectos*).

COBÉ.

Nunca!.. isso, nunca!..

Vós mulher de D. Gil, Senhora, oh! nunca!..

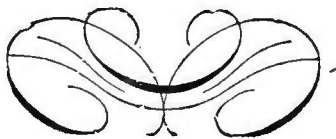
BRANCA (*sem reparar em Cobé*)

Meu Deus!.. meu Deus!.. valei-me neste transe!..

COBÉ (*estendendo o braço sobre a cabeça de Branca e
para o lado do oratório*)

Juro por vosso Deus, que hei de salvar-vos!..

O PANNÓ DESCE.



III

O SARAÚ.

ACTO TERCEIRO.

SCENA PRIMEIRA.

A mesma decoração do 1.º acto. É noite : luzes por toda parte : o quintal está illuminado ;
ha saráu na casa de D. Rodrigo.

D. RODRIGO E D. GIL DA CUNHA.

D. GIL.

E ouvistes, Senhor, minha sentença?

D. RODRIGO.

Tua sentença só de mim pendia.
De minha filha prescrever a sorte
Como pae, era um jus do céo provindo :
De um tal direito prescindir não devo;
E Branca é fida á educação que ha tido,
Póde só desejar o que eu lhe ordeno,
E eu só lhe ordeno o que o dever me inspira.
Quando mesmo de moça um devaneo
Podesse a hesitação lançar-lhe n'alma,
A voz de um pae a hesitação vencera,
E soubera abafar paixão mesquinha,
Dando victoria de fidalga aos brios.

D. GIL.

A vossa austeridade ha muito admiro :
Nome, que avós sem mancha vos legaram,
Mais nobre ainda o legareis aos filhos.
Inda antes de vos vêr vos respeitava,
De vós tão alto me bradava a fama,
Junto de vós, Senhor, dobrei respeitos ;
E quando me accendi de amor por Branca,
Nos sonhos doces de um consorcio honroso
Ignoro o que mais em mim podia,
Se a posse della e da paixão o enlevò,
Se de chamar-vos pae a gloria immensa.
Hoje porém, Senhor, que sinto prestes
A dita peregrina, que almejava,
Começo a recear tanta fortuna;

E amando mais que muito vossa filha,
Temo a seus olhos parecer tyranno.

D. RODRIGO.

Que generoso sejas não me espanta,
Grandes virtudes são dos grandes nomes,
E um nobre sangue não desmente a origem;
Mas não vejo razão p'ra que estremeças.
Se ha só nobreza d'alma no que sentes,
Honras assim de cavalleiro os brios;
Se de Branca porém ousas sómente
Menos firmes suppôr proximas juras,
O pae offendes offendendo a filha,
E assás me vingo te quebrando os laços.
Livre és ainda.

D. GIL.

Mal me comp'rendentes:

Sei respeitar de Dom Rodrigo a filha.
Porém sabeis tambem que ou... devaneio,
(Foi a palavra de que ha pouco usastes),
Ou natural pendor d'alma sensivel
Fez, e muito não ha, que Branca ingenua
Entre todos Estacio distinguisse:
Nada houve ahi que desdourasse Branca;
Foi simples distincção... trato mais terno...
Meigo olhar sem querer... mas isto sobra,
Senhor, ao pae prudente e desvelado,
E áquelle a quem o amor torna zeloso.
A esforços meus (confesso esta fraqueza,
Vós, que o passo approvastes, perdoae-a),
Estacio, em commissão longe mandado,
Deixou-me em paz vencer o meu ciume;
Hoje, Senhor, vossa bondade extrema
Julgou que eu merecia a mão de Branca;
Mas no instante em que vou minha chamal-a,
Receio, outra vez digo, em vez de esposo,
Amante e amado, ser verdugo impio!

D. RODRIGO.

A simples distincção que inda recordas
Foi um sonho, D. Gil, da mocidade:

Quem sonha dorme, e no dormir não pecca.
Se ao Branca despertar, lanço-lhe em rosto
O esquecimento da mais nobre stirpe,
Ou vê-la-hás corar, ou não mais hade
Chamar-me pae, D. Gil, mal não fizeste
Em desviar Estacio; mas embora
Aqui ficasse, o mesmo succedêra.
Tu lhe poupaste a dôr de vêr a amada
(Se os olhos se atreveu a erguer para ella)
Passar aos braços d'outro. Lamentemos
Esse misero Estacio; é cavalleiro
Fido e valente... mas não é fidalgo.

D. GIL.

É contudo orgulhoso como um nobre!

D. RODRIGO.

Na sua espada tem o seu orgulho:
Razão lhe sobra, confessar devemos.
Entre as boas espadas Portuguezas
Conta-se a delle: feitos de bravura
Lhe apontam muitos; nunca sangue inutil
Derramado; tão bravo como humano
O julgam todos... mas não é fidalgo.

D. GIL.

Que se contente pois com seu renome,
E misturar ousado não pretenda
O sangue de vilão com nobre sangue.

D. RODRIGO.

Vamos, D. Gil, como offendido fallas;
Mas se elle ousou nutrir a idéa altiva,
Vingança não pequena ambos tomamos
De prompto a ti se unindo minha filha.

D. GIL.

Por tão doce união todo me abalo,
Nem misturo a vingança em meus anhelos.

D. RODRIGO.

Pois bem, D. Gil, ao terminar da festa
A inesperada nova publicamos,
E amanhã, ante Deos, Branca te entrego.

D. GIL.

Ah! meu pae!

D. RODRIGO.

Por demais nos demoramos

Esquecendo os amigos que cuidadosos

Certo já nos procuram. D. Gil, creio

Os teus receios vão ter dissipado.

Subamos pois, tornemos para a sala.

D. GIL (*retirando-se D. Rodrigo para na porta de Cobé, e convida D. Gil a subir antes d'elle*).

Lá tenho o coração, feliz vos sigo.

D. RODRIGO (*chama e apparece Cobé á porta*).

Cobé! não te descuides, vae, observa

Se acaso em algum ponto as luzes faltam;

Quero que nesta noite tudo brilhe

Como no seiô meu luz a ventura. (*Vae-se pelo patim*).

SCENA II.

COBÉ (*pensativo*).

COBÉ.

« Fica!.. mas vive a vida dos infames!

« Fica!.. mas soffre a morte dos cobardes!.. »

Minha mãe razão teve: hei merecido

A formidavel praga! Envileci-me

Em torpe captivo: o nobre manto

Dos caciques, meu arco poderoso,

Minha tacape, que invejavam tantos

Ao vêr-lhe as marcas de inimigo sangue,

Tudo esqueci na escravidão maldita!...

Bravo guerreiro, uma mulher venceu-me!...

Sou como um tigre atado ao debil tronco

De um arbusto florido!... E qual meu premio?..

Amei essa mulher, como a tapira

Os filhos seus estima; de seus olhos

No fogo ardia, e os olhos seus buscava,

Qual nas chammas se arroja a negra serpe:

E o que lucrei? Oh! mais do que o desprezo!...

O meu amor por baixo de seus olhos

Passou por tresloucado impercebido!...
Quem crêr podia que um escravo amasse?!?!
Do escravo ao muito faz-se um mensageiro
De amor mysterioso; e essa fidalga
Julgou talvez que já de mais fazia
O papel me off'recendo insultuoso
De mensageiro vil... a mim, que a amava!!
É a praga fatal que se realisa:
« Fica!.. mas vive a vida dos infames!.. » (*momentos de silencio*)
Inda posso salvar-me... o que me prende?..
Oh!.. não terei a morte dos cobardes!..
Fugir-lhe vou... de seu desprezo horrivel
D. Gil da Cunha deixa p'ra vingar-me.
D. Gil! D. Gil da Cunha!.. em meus furores
Tinha jurado devorar-te a carne:
Tu te fizeste o caçador de escravos,
Me prendeste em teus laços, e de rastos
A' praça me trouxeste e me vendeste!..
Teu sangue á minha raiva era preciso!..
Pois bem, D. Gil, agora eu te perdôo;
Sem o pensar minha vingança forjas:
Arrasta a nova escrava aos teus altares;
Da-lhe o teu nome, infama a vida sua
Solidaria fazendo-a de teus crimes:
Sim! consinto... triumpho... ao leito a guia...
Seja tua... tu vingas-me (*com terrivel prazer*) como é doce
Que ella soffra tambem os meus tormentos!.. (*mudando de tom*)
Mas que penso?.. é possível tanto olvido?..
Pelo Deus dos Christãos jurei salvar-a...
Não devo deshonnar meus juramentos. (*com força*)
Não será de D. Gil!!!.. (*em outro tom*) mas será d'outro!..
Hei de eu portanto assim sacrificar-me
Por gloria alheia?.. oh! não! não sendo minha
Que importa de quem seja?.. talvez mesmo
Fosse o Deus dos Christãos que me mostrasse
O desprezo de Branca, p'ra punir-me
De esquecer minha terra e a liberdade.
Selvagem sou!.. não devo amar fidalgas!
Partirei pois; e aquelles que cá ficam,
Aquelles que á fidalgas amar podem,

Se Branca o merecer, pugnem por Branca.
(*Vae-se pelo portão*).

SCENA III.

D. GIL DA CUNHA E D. FUAS.

D. GIL.

Então nem mais uma hora?

D. FUAS.

Não; não posso;

Já de tanta demora me crimino.

Antes que ás nossas festas; nos devemos

Ao rei e á patria. Esperam-me os soldados;

Devo ir dispôr a proxima partida.

D. GIL.

Pois bem, D. Fuas, um momento apenas...

Quero fallar-te.

D. FUAS.

Fallar.

D. GIL.

Porque causa,

Quando todos me cercam lisongeiros,

E parabens me chovem, tu me foges

Sendo de todos meu mais velho amigo?..

Pesa-te a dita que a gozar me apresso?..

D. FUAS.

D. Gil!..

D. GIL.

Quero que falles.

D. FUAS.

Não insistas.

D. GIL.

Tenho o direito de exigir franqueza.

D. FUAS.

Pois que o exiges, abro-te a minh'alma,

Vejo no teu consorcio um sacrificio

Imposto á mais modesta e nobre virgem;

E me resinto ao vêr que um cavalleiro
Opprime uma mulher.

D. GIL.

D. Fuas... pensas!..

D. FUAS.

Sei e sabes tambem que a tua noiva
Não te ama e não póde nunca amar-te :
Sabemos todos que encantou-a Estacio :
E tu te abaixas a roubar-lhe a amada.

D. GIL.

E não vês que esse amor insulta os nobres?
Devemos consentir que se misture
O sangue de vilões com o de fidalgos?..
Meu D. Fuas, a causa é de nós todos ;
E este hymenêo, que faz minha ventura,
Equivale tambem a uma vingança.

D. FUAS.

Com a espada é que se vingam cavalleiros :
Exemplos taes nos deram Portuguezes
De quem provimos ; e olvidar-lhe a deixa
Será bastardear-nos por fraqueza.

D. GIL.

Julgas-me fraco, ou queres offender-me?..

D. FUAS.

Dice o que penso, a consciencia falla ;
Nem tu tens o direito de aggravar-te.
Teu hymenêo é hollocausto impuro,
E tua noiva a victima arrastada.
No futuro cruel, que te preparas,
Não poderás queixar-te do destino.
Vás unir-te á mulher que te não ama,
Que ha muito o coração votára a outro ;
Rompes os laços de fieis amantes,
Que, hoje apartados, por se vêr suspiram,
E que talvez distancia superando
Se correspondem por secretos meios.
Vê bem o que semeas, e adivinha
O triste fructo que colher procuras.
Como amigo fallei : faze o que deves. (*Vae-se pelo portão*).

SCENA IV.

D. GIL DA CUNHA (*pensativo*).

D. GIL.

« Que, hoje apartados, por se vêr suspiram,
 « E que, talvez distancia superando,
 « Se correspondem por secretos meios !... »
 Quem pudera aclarar o pensamento
 Occulto nestas phrases?... será crível
 Que, a despeito de minha vigilancia,
 Branca e Estacio se escrevam mutuamente ?..
 Oh ! que duvida horrível !.. Quanto eu dera
 Por saber a verdade... Mas quem chega ? (*apparece Cobé*).
 Cobé (*reflecte e diz*), vêm cá.

SCENA V.

D. GIL DA CUNHA E COBÉ.

COBÉ (*aparte e com rancor*).

O caçador de escravos !...

D. GIL (*aparte*).

Sobra o ardil em todos os selvagens.
 Talvez este... não perco exp'rimentando.

COBÉ (*aparte*).

Vejo sempre a trahição naquelle rosto !..

D. GIL.

Cobé, eu te buscava : antes que a noite
 Siga o dia outra vez, serei esposo
 De Branca : a tua sorte é presa á della,
 E como escravo seu virás servir-me.
 Dá-te pois parabens, porque te estimo ;
 Tu me serás fiel e dedicado,
 E em troço has de sentir como eu sou grato.
 Estás contente ?..

COBÉ.

Escuto-vos : ávante,
 Que mais do que isso pretendeis dizer-me.

D. GIL.

Pois que pareces entrever minh'alma,
 Ouve tudo. Quem ama não socega,
 Arde-lhe sempre o coração em zêlos.
 Agora mesmo que a ventura em risos,
 Parece-me saudar, dentro em meu peito
 Tenho um tormento horrível: sei que outr'ora...
 Alguem ousou erguer olhos de amante
 Sobre aquella que adoro... eu soffro... e temo...
 Receio mesmo que inda inexperiente
 Branca alguma esperança alimentasse...
 Dessipa minhas duvidas se podes:
 Moras aqui; daqui jámais te apartas;
 Podes ter descoberto algum segredo...
 Falla... confia em mim... dize o que sabes.

COBÉ.

Nada sei.

D. GIL.

Nem suspeitas?..

COBÉ.

Nem suspeito.

D. GIL.

E se eu te propuzesse que vigilante...
 Dia e noite velasses espiando...

COBÉ (*interrompendo-o com voz terrível*).

Seu espia !!!..

D. GIL.

Receias?..

COBÉ (*dolorosamente*).

Praga horrível...

« Fica! mas vive a vida dos infames!.. »

D. GIL.

Então?...

COBÉ.

Vós insultaes minha miseria!..

Sou escravo... inda o sou... mas não cobarde.

D. GIL.

Tu me deves, Cobé, mais do que a vida.
 Foste um pobre infiel que dos desertos

E do crime arranquei p'ra Deos mostrar-lhe.
O que éras tu nos bosques?..

COBÉ.

Homem livre

D. GIL.

Tão livre como as feras; como as feras
De sangue e carne humana te fartando;
Não conhecendo Deos, nem leis, nem honra.
Tu debes bemdizer a mão piedosa
Que te arrancou das trevas e dos crimes.

COBÉ (*contendo-se á força*).

Senhor... poupae-me!...

D. GIL.

Que dizer podias?

COBÉ.

Que o bem maior que aspiro é só a morte;
E quem despreza a vida é mais que bravo...
Nada receia... e ousa até...

D. GIL (*com tom de ameaça*).

Repara!..

COBÉ (*não podendo mais contêr-se*).

Sim! reparo que todos me escarnecem!
Que sobre me lancarem duros ferros
Querem que eu beije a mão que ousou forjal-os...
Que bem-diga essa mão, que me deshonra!..
Bem dizel-a!! Senhor, misero escravo...
Ergo os olhos a vós talvez a medo;
Porém se livre um dia... bem-dizel-a?!!!...
Mordel-a, sim! e como o cão raivoso,
Ou como a anta que espedaça a victima!
Oh!..que piedade é essa que vos guia?..
O serviço de Deos?.. Deos quer acaso
Que em grilhões os seus filhos se debatam?..
Offende ao pae quem lhe escravisa os filhos,
Vós a Deos offendeis... irmãos chamaes-nos?..
Féroz hypocrisia!.. irmãos aquelles
A quem roubaes a patria, os filhos, tudo,

Lançando fogo ás placidas aldéas ?..
 Irmãos !.. irmãos aquelles que em algemas
 A's praças arrastaes, e em hasta pondes
 Como fardos á venda ?.. irmãos... oh ! nunca !
 Quando mesmo quizesseis não queria
 Chamar irmãos tyrannos que me opprimem,

D. GIL.

Miseravell!..

COBÉ.

A vida assás me pésa,
 Já vos disse uma vez e vos repito ;
 Qualquer que seja o meio me contenta
 P'ra fazer que m'a tirem.

D. GIL.

Não te afflijas,
 Talvez que o desespero t'o ministre :
 Jámais me esquecerei dos teus furores,
 E amanhã... tu serás dos meus escravos.
(Vae-se pela patim).

SCENA IV.

COBÉ.

Seu escravo ? Cobé escravo delle ?..
 Amanhã ha de rir-se no meu resto,
 Vêr-me em pé... respeitoso... de olhos baixos
 Ouvindo, humilde, injurioso escarneo ?.
 Oh ! Gil da Cunha a confiança é cega ;
 O-dia de manhã ninguém conhece :
 Quem sabe se um de nós amanhã morre ?...
 Amanhã !.. esta phrase é prova certa
 De nosso orgulho vão ; homem vaidoso,
 Que hoje levantas insolente a fronte,
 Amanhã por teu rosto o vérme passa,
 E o vil adulator que hoje te incensa
 Amanhã cuspirá no teu cadaver !..
 Amanhã !.. amanhã !.. D. Gil da Cunha !
 O dia de amanhã saudemos ambos *(suspendendo-se, ouvindo um canto)*

SCENA VII.

COBÉ E AGASSAMU' (*que ouvindo o canto vêm collocar-se ao lado de Cobé*).

BRANCA (*cantand o dentro*).

Pobre Tamoyo captivo
Joven fidalga adorou,
Sua paixão extremosa
Com façanhas illustrou.
Era bello, forte e bravo,
Mas era tambem escravo.

AGASSAMU'

Ouves o canto seu?..

COBÉ.

Ouço : silencio.

BRANCA.

Pobre Tamoyo captivo
Que adoras com tal primor,
Está mui alta quem amas,
Lá não chega o teu amor.
Tu és bello, forte e bravo,
Mas ai que és tambem escravo.

AGASSAMU'

Ouves o canto seu?

COBÉ.

Ouço : silencio !

BRANCA.

Pobre Tamoyo captivo
Foge para a solidão,
Se não queres vêr o esgarneo
Pagar a tua paixão.
Não és nem forte, nem bravo,
Porque soffres ser escravo. (*Termina o canto : applausos*).

AGASSAMU'

Ouviste o canto seu?

COBÉ (*com muito fogo até o fim*).

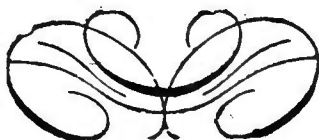
Sim!.. e dou graças

Ao poder dessa voz harmoniosa,
Que o encanto desfez que me prendia.
Por minhas véas corre o sangue em chammas ;

Dentro em meu coração sóa, retine
 Da inubia a voz guerreira : eia!.. a meus bosques!..
 Vou quebrar os grilhões que me deshonram,
 Vingár-me dos tyrannos que nos pisam!..
 Eis-me livre!.. sou livre!.. enfim, sou livre!..
 Já portanto sou bello, forte e bravo;
 Minha paixão não mais tolera o escarneo.
 Onde está meu cocar? onde essas pennas
 Sobre as quaes namorado o sol brilhava?
 Onde estão minhas flexas? que é do arco?
 Que é da tacape minha? é tempo! devo
 P'ra o festim dá vingança preparar-me!..
 Eis-me outra vez no empenho dos combates
 Em cada setta a morte despedindo!
 A mim! a mim, Tamoyos denodados!..
 Carregae sobre os perfidos imigos!..
 Zombemos do trovão!.. menos que a morte
 É elle, e um só de nós morte não teme!..
 Eil-os que fogem!.. carregae... matae-os!..
 Tingi de rubro sangue os nossos rios!..
 Sim!.. victoria!.. vencemos!.. salve amigos!..
 Salve!.. o triumpho é nosso!.. ávante! ávante!..
 Sim! victoria!.. victoria!.. e a liberdade!..

O PÁNNO DESCE.

FIM DO TERCEIRO ACTO.



MUSEU NACIONAL
 RIO DE JANEIRO

IV

O ANJO DA MORTE.

ACTO QUARTO.

SCENA PRIMEIRA.

O theatro representa a mesma decoração do acto 1.º Rompe o dia : Branca se acha adormecida em um banco de relva. Tem terminado o saráu.

BRANCA E D. GIL DA CUNHA.

D. GIL (*considerando Branca*).

Do saráu á fadiga o somno acode.
Dorme tranquilla ; mas no seu semblante
Vê-se a melancolia derramada.
Minha ventura faz o seu tormento !
Oh ! barbara mulher, tu me desprezas ;
Louco te adoro, e o meu amor insultas :
Pois bem, apesar teu vás pertencer-me.
Já que não posso ser esposo amado,
Serei senhor ao menos ! Dorme, Branca,
Dorme tranquilla ainda, que hoje mesmo
Ao meu destino presa, escrava humilde
Vêr-te-ei a meus pés ajoelhada
Pedindo compaixão... Mas que?... vacila...
Sonha...

BRANCA (*sonhando*)

Dom Gil...

D. GIL.

Comigo ?!!!

BRANCA (*sonhando ainda*)

Desposada...

Eil-o... mas não... o outro... meu Estacio...
Sou tua...

D. GIL.

O coração lhe falla em sonhos!.. (*momento de silencio*)
Portanto ella é fiel ao seu amado ;
E amanhã minha esposa ante os altares.
Pureza exterior embora ostente,

Dentro do coração ser-me-á traidora.
 Por um desconhecido aventureiro
 Despreza extremos de um fidalgo illustre.
 Tenho por meu rival quem me não vale ;
 E se eu triumpho aos pés do sacerdote
 N'alma daquella ingrata elle triumpho.
 Miseravel!.. se acaso da vingança
 Soasse a hora p'ra mim... como eu soubera
 Aproveitar-me della!.. acceso em odio,
 (Sou capaz de o fazer ; sôe essa hora!)
 Acceso em odio lhe rasgára o peito ;
 E o moribundo vira como pesam
 No rosto de um vilão pés de um fidalgo ;
 Depois p'ra refinar minha vingança
 O seu cadaver arrastando eu mesmo
 A Branca o levaria e lhe bradára : (*bradando*)
 Eis aqui meu rival! vêde-o, matei-o!..
 E então...

BRANCA (*dispertando assustada*).

Ah!...

D. GIL.

Perdão...

BRANCA.

Senhor... (*atirando-se no banco*) meu sonho!..

D. GIL.

Que franqueza cruel!.. então sonhaveis?..

BRANCA (*erguendo-se diz tristemente*).

Sim, sonhava.

D. GIL.

E esse sonho?..

BRANCA.

Arcano é d'alma.

O meu sonho? ah! senhor, foi simplesmente
 Uma dessas mentiras deleitosas
 Mil vezes mil mais doces que a verdade..

D. GIL.

E é no entanto um segredo?

BRANCA.

Oh! sim, sagrado!..

Uma doce visão que teve a um tempo
Na minh'alma seu berço e sepultura.
Um sonho não se explica: é sacrilegio
Do pensamento revelar mysterios.

D. GIL.

Senhora, e se eu dissesse o que sonhaveis?..

BRANCA.

Só se os labios trahiram a minha alma.

D. GIL.

Portanto corareis?..

BRANCA.

Corar de um sonho!..

D. GIL.

Quando em desperto por demais se finge,
Vêm no somno a verdade á flôr dos labios.

BRANCA.

E quem finge acordada?..

D. GIL.

Vós, senhora.

BRANCA.

Nada finge, senhor, quem nada explica,
Quando muito o silencio é só fraqueza.

D. GIL.

Isso quer pois dizer...

BRANCA.

Que ao pai obedeco.

D. GIL.

Ah! senhora, apagaes tão sem piedade
A debil chamma de uma rara esp'rança?..

BRANCA.

Senhor, senhor, em mim é que se apaga
Da mais doce esperanza a luz fagueira.

Pois bem : tudo me ordena a pôr á mostra
Meu coração e o que nelle se passa.
D'alma ao segredo foi traidor o somno ;
Vós mesmo descerrastes os meus labios ;
E inda mais... dentro em pouco serei vossa,
Justo é que conheçaes quem vai seguir-vos,
Senhor, ao despertar-me a juventude
Senti de amor o fogo arder-me toda :
Amei... qual sabe amar coração virgem ,
Fui amada, senhor, com fogo ardente .
Moça, e portanto cheia de esperanças,
Julguei que Deos amor abençoava,
Que o futuro delicias me off'recia.
E o terno amor no coração guardado
Foi sempre o meu thesouro bem querido.
De dia, se eu pensava, era por elle ;
De noite me inspirava meigos sonhos,
E ia no coração sempre crescendo,
Como uma flôr... oh ! sim ! a minha rosa !..
Elle era a minha rosa !.. os seus perfumes,
Senhor, no coração se me entranharam,
E pois da rosa o aroma hade haver nelle
Sempre... apezar de tudo : em seu começo
Quicá tão triste amor vencer podesse ;
Agora não, é tarde, eu sou captiva...
Preso tenho a minh'alma, e até confesso
Que amo, que beijo meus queridos ferros.
Eis o que eu sou... eis o que eu sinto e penso.
Senhor Dom Gil, não posso nunca amar-vos ;
Em respeito a meu pai seguir-vos heide,
Vossa escrava serei, não vossa esposa.

D. GIL.

Foi um sonho esse amor, cumpre esquecel-o.
Nobres costumes que acatar devemos
De Estacio com um abysmo vos separam :
Simples plebêo, de vós é menos digno,
E a vossos pés um cavalleiro existe.
O amor, de que fallaes, tambem se doma:

Quando se quer, á força da vontade
Póde, senhora, o coração dobrar-se.

BRANCA.

Talvez se dobre o coração dos homens,
O da mulher, senhor, ou tarde ou nunca.
Tem na alma a mulher de amor o throno,
E ama só uma vez porque bem ama.

D. GIL.

Entretanto, senhora, ha de o futuro
Desmentir previsões que vos affligem.
Vossa franqueza admiro, e, se é possível,
Por ella mais vos amo e vos respeito.
Quem tão firme guardou a fé de amante
Guardará fé de esposa inda mais firme.

BRANCA.

Isso é assim : serei fiel escrava,
Servirei meu senhor com zelo e honra .

D. GIL.

E eu á força de extremos me prometto
Vencendo tão cruel indifferença,
Valer, se não amor, estima ao menos.
Quanto em tão nova, agreste e pobre terra
Póde ao desejo succeder o gozo,
Vós o tereis a esforços meus subidos.
Não posso, não, vencer a paixão minha,
Ceder-vos crime fôra imperdoavel.

BRANCA (*exaltando-se*)

E o que se chamará lograr-me á força?..
Aproveitar-se de um respeito immenso
Que ao pai tributo, para possuir-me?..
Vosso amor quereis vêr alimentado
Com o pranto de meus olhos?.. é ventura,
E' gloria para vós vêr magôas, dôres,
Ir quem amaes matando pouco a pouco?...
Amor isso chamaes?.. amor é nobre,
E' grande e generoso! em seus extremos

Sabe mll vezes, sim, sacrificar-se ;
 Porém sacrificar... nunca !

D. GIL.

Senhora !..

BRANCA (*com muito fogo*).

Vós por mim só sentis paixão mesquinha !..
 Sereis o meu verdugo ! eternamente
 Verei em vós sómente o meu tyranno.
 Oh ! que aspiraes ?.. o meu amor ?.. ao menos
 A minha estima ?.. haveis ambos perdido.
 Eu vos detesto... sim !.. (*mudando de tom*) mas eu desvairo !.. (*cur-*
vando-se)
 Ah ! perdão, meu senhor, eis-me curvada...
 Esquecei a expressão dos meus delirios.
 Vós sois bom ; vós deveis ser generoso ;
 A vosso lado estou vendo uma espada,
 Nobre signal que um cavalleiro indica ;
 Condoei-vos de mim !.. hão de pagar-vos
 Na terra a consciencia, e Deos lá em cima.
 Condoei-vos de mim !.. dó vos mereço...
 Ide a meu pai, fallai-lhe com prudencia ;
 Com qualquer evasiva desligae-vos
 Das pretensões fataes... eu não sou digna
 De trazer vosso nome... amo já outro,
 E um nobre e generoso cavalleiro...

D. GIL (*interrompendo-a*).

Basta, senhora ! erguei-vos ; por mais tempo
 Não abuseis da minha paciencia.
 Em tudo que dizeis vejo um insulto ;
 E desde hoje devieis respeitar-me.

BRANCA.

Já desde hoje, senhor ? !!! oh ! que futuro !..

D. GIL.

Nada sei... nada tenho com vossa alma ;
 Pertence a Deos ; e os vossos vãos segredos,
 Guardae-os para vós, se amor lhes tendes,
 Que de mim só desprezo valer pôdem.
 Minha esposa sereis, e o que haveis dito

Só devieis dizer a Dom Rodrigo.
 Romanesca qual sois e fida amante,
 Porque ás ordens de um pai sois tão submissa,
 Ou porque não fugis p'ra o vosso amado?...

BRANCA.

Porque o mundo está hi sobre as mulheres!
 Porque a moral está qui e a obediencia!
 Porque Deos e a virtude m'o prohibem.

D. GIL.

Pois então, sêde em tudo consequente,
 E em nada desmenti tão bons principios.
 Sois minha desposada, e o dever manda
 Respeitar quem bem cêdo ha de orgulhoso
 Cobrir-vos com seu nome e defender-vos.
 Hoje vos aconselho; mas não tarde
 Poderei exigir quanto vos digo.
 Ficae, sêde prudente e menos féra,
 Que eu saberei tornar-vos venturosa.
(Vae-se pelo portão).

SCENA II.

BRANCA.

Sem querer escutei minha sentença!..
 E agora então dobrei os meus martyrios;
 Abri minh'alma aos olhos de um tyranno,
 E dentro em pouco aos olhos seus tremendo
 Hei de curvar-me como pobre escrava *(Momento de silencio)*.
 Oh! Estacio, tão longe tu não sabes
 O que eu soffro, e é por ti que estou soffrendo:
 E um dia has de accusar-me de inconstante;
 E um dia has de bradar: « perjura! falsa!
 Mulher emfim!.. ou, pelo menos, fraca! »
 Perjura... falsa não; fôra calumnia;
 Fraca sim, tens razão, fraca, cobarde,
 Que amo uma vida de pezares cheia:
 Fraca, que não triumpho do destino,
 Que a leis de ferro facil me submetto!..

Fraca, que p'ra viver de amor me esqueço,
 E aos braços de Dom Gil vou entregar-me.
 Oh! fraca! fraca!.. Não, eu me levanto: (*Isto depois de repectir
 com força*).
 Entre a vida e a desgraça existe a morte.
 Agassamú!.. *corre á porta de Agassamú e bate*).

AGASSAMU' (*falla de dentro*).

Quem me procura?

BRANCA.

Escuta.

(*Apparece Agassamú, Branca trava-lhe da mão e tral-a á scena*).

SCENA III.

BRANCA E AGASSAMU'

BRANCA (*rapidamente*).

Vêm cá, escuta: eu sei que me detestas,
 Que o odio que te inspiram Portuguezes
 Tambem em mim recahe. Não me interrompas...
 Mal não te quero; serve-me o teu odio
 Agora ao menos: dize, quanto deras
 Para um branco matar?..

AGASSAMU'

Não te percebo.

BRANCA.

Desconfias de mim? ouve: eu sou rica,
 Dom Rodrigo outro filho jámais teve,
 Morre-lhe o nome se eu morrer sem prole;
 Demais, quem me matar a muitos fere,
 A um noivo, que me impõe, veste de lucto,
 Mata quiçá um homem que me adora;
 Vê pois a quantos toca a minha vida:
 E tu és para mim o anjo da morte,
 Agassamú!..

AGASSAMU' (*aparte*).

Pretende ella illudir-me?.. (*a Branca*)
 Porque intentas morrer?..

BRANCA.

Porque me forçam
A um consorcio que odeio.

AGASSAMU'

Então que queres?

BRANCA.

Hervas mil venenosas tu conheces;
De alguma o succo prompta morte offrece;
Dá-me uma gotta do licor sinistro.

AGASSAMU' (*aparte*).

Que farei!.. se me illude!..

BRANCA.

Oh! por piedade!..

Eu não te peço a vida, e o tempo insta;
Em breve sou a esposa de' um tyranno,
E quizera votar-lhe o meu cadaver.

AGASSAMU'.

Desejas pois morrer?..

BRANCA.

Sim.

AGASSAMU'

Não me enganas?..

BRANCA.

Não.

AGASSAMU'

Jura por teu Deos!

BRANCA.

Juro por elle.

AGASSAMU'

Bem; que morte preferes?

BRANCA.

A mais prompta.

AGASSAMU'

Basta uma gotta de um licor que tenho.

BRANCA (*tirando um anel do dedo*).

Basta uma gotta?... então este anel serve.

AGASSAMU' (*examinando o anel*).

Sim, aqui dentro conterà bastante.

BRANCA.

Oh! presente de amor! quem se lembrara

Que me serias conductor da morte?..

Basta, toma o anel e vêm depressa. (*Dá o anel*).

AGASSAMU'

Volto em breve. (*Entra no quarto*).

SCENA IV.

BRANCA.

Seu odio em mim se vinga;

Detesta a minha raça e me detesta;

Porém sua vingança me é propicia.

Vou ficar superior ao meu martyrio,

E quando me guiar ao altar quizerem

Só poderão levar o meu cadaver.

SCENA V.

BRANCA E AGASSAMU'

AGASSAMU' (*mostrando o anel*).

Eil-o.

BRANCA (*recebendo o anel*).

Bem: e é veneno, que não falha?

AGASSAMU'

Sobra para apagar-te a debil vida.

BRANCA (*pensativa e triste*).

E a morte é dolorosa?..

AGASSAMU'

O que te importa?

A quem despreza a vida a dôr é nulla. (*Apparece Cobé á porta de seu quarto*).

BRANCA.

Obrigada. Eis-me livre!.. (*Vae-se pelo patim*).

AGASSAMU'

Eis-me vingada.

SCENA VI.

AGASSAMU' E COBÉ.

COBÉ (*olhando para o patim e com voz grave*).

Que vai naquelle anel?..

AGASSAMU'

Cobé! meu filho!

Prompto enfim para fuga te apresentas?..

Graças!..

COBÉ.

Sim; estou prompto, e apenas sôem
Os bellicos tambores que annunciem
A partida dos nossos inimigos,
Da confusão geral me aproveitando'
Prompto me entranharei pelas florestas:
Furto-me á vista de crueis tyrannos,
Vou longe preparar minha vingança:
Quebro esse encanto poderoso e forte
De uma mulher que amei. Que hoje abomino!.. (*dizendo como
á força*)
Que vai naquelle anel!.. (*Mudando logo de tom e como perseguido
por uma idéa*).

AGASSAMU' (*sem attender-lhe á pergunta*).

Foge e te vinga!

Vai: dize a meus irmãos que, velha e fraca,
Não te acompanho porque marchô a custo;
Mas aqui fico, e vélo p'ra vingal-os;
Se forças já não tenho, sóbra a astucia (*com tom sinistro*)
E vestirei de negro os Portuguezes.

COBÉ (*vivamente e estremecendo*).

Que vai naquelle anel?..

AGASSAMU'

Tremes?..

COBÉ (*querendo disfarçar a perturbação*).

Não tremo ;

Sabes que meu amor tornou-se em odio ;

Mas quero saber tudo.

AGASSAMU'

Em poucas horas

Branca e D. Gil em doce nó se apertam...

COBÉ (*interrompendo-a furioso*).

Oh! perfida!.. nem o amante lembra ao menos!..

AGASSAMU'

Lembra-o de mais...

COBÉ (*rapido*).

E então?..

AGASSAMU'

Vota-se á morte :

E essa morte, Cobé, vinga a nós todos.

COBÉ (*terrivel*).

Que vai pois nesse anel?..

AGASSAMU'

Mortal veneno.

COBÉ (*com grito de dôr immensa*).

Branca !!!

AGASSAMU'

Inda a lembrás?..

COBÉ.

Branca !!!

AGASSAMU'

Miseravel !..

COBÉ.

Oh! hade assim morrer uma innocente

Porque se vê no mundo abandonada?!!!

Onde estão esses nobres Portuguezes,
 Que não vêm defender tanta virtude?!
 Cavalleiros, a causa é da belleza,
 Qual de vós é por Branca?.. será crível
 Que uma mulher assim se desampare?.. (*suffocando-se em soluços*)
 Oh! Branca!.. infeliz Branca!...

AGASSAMU'

Vil escravo!..

COBÉ (*com vehemencia*).

Perpetraste nefando horrivel crime!..
 Só corações selvagens como os nossos,
 Duros como as mais negras penedias,
 A belleza e a virtude não respeitam.
 O raio ardente poupa a flôr do valle,
 E devora o madeiro da montanha;
 O tigre o touro investe, e a pomba deixa,
 E o selvagem no entanto nem perdôa
 A misera mulher!.. oh! Branca! Branca!

AGASSAMU'

Insensato! recorda os que te esperam;
 Vai, e deixa que morra uma inimiga.

COBÉ (*decidido e forte*).

Não! não deve morrer; prometto, juro!..
 Não se ha de consummar tão feio crime.
 Já de muito votei-lhe a minha vida;
 Se um abysmo a separa da ventura,
 Sobre o abysmo se estenda o meu cadaver,
 E por cima passe ella salva e livre.
 Entre Branca e Dom Gil Cobé se mostre!
 Seja embora depois de Estacio esposa,
 Não! não deve morrer! (*com ternura*) oh! tão formosa,
 Deve viver p'ra embellezar a terra!..
 Oh! Branca! oh! cara Branca! o vosso escravo
 Sua fidelidade não desmente:
 Já não vos peço amor... sei que o não valho...
 Sei bem que o não mereço... eu já sei tudo!..

Mas ao menos deixae que eu vá de rojo
 Seguindo os vossos pés, que vos defenda,
 Como um cão vigilante, que espedace
 Quem ousar contra vós! oh! Branca!.. (*ouve-se o toque de tambores*).

AGASSAMU'

Ouviste?

Eis o signal... é tempo!...

COBÉ.

Não! não parto :
 Eu fico p'ra salvá-a. Mãe tyranna,
 Não! não hasde insultar o seu cadaver!..
 Eu vou buscá-a!.. eu vou!.. o anel sinistro
 Heide arrancar-lhe á força : se é preciso,
 Para arredar de Branca a desventura,
 De vida um sacrificio, a minha vida
 Ha muito é della!... morrerei contente
 Por Branca! Nada mais me embarga os passos,
 Nada póde mudar meu nobre intento.
 Não parto, não; eu fico, e para sempre!..
 Esqueço patria, irmãos, vingança e tudo!
 Pertença á Branca, e vou morrer por ella!!! (*corre pela escada
 do patim*).

AGASSAMU' (*furiosa*).

Fica! mas vive a vida dos infames!..
 Fica! mas soffre a morte dos covardes!...

O PANNO DESCE.

FIM DO QUARTO ACTO,



V

COBÉ POR BRANCA.

ACTO QUINTO.

SCENA PRIMEIRA.

O theatro representa a mesma decoração do acto segundó.

BRANCA.

Pouco falta... ao soar a hora solemne
Virão embalde procurar a noiva.
No emtanto não será grande a mudança;
Haverá um cortejo em todo caso;
Em todo o caso a Igreja lá me espera;
Terei sempre uma benção: simplesmente
Em vez de nupcial será funérea.
Pouco falta... mas ah! que é bem terrivel
Morrer assim com o desespero n'alma,
Quando a vida podia inda encantar-me!..
Mas tambem condemnar-me a um sacrificio
Abominavel!... não! prefiro a morte!
Este vago terror que ella nos causa
Certo é sem fundamento: um leve sopro
Que apaga debil chamma, eis o que é ella.
Porque temel-a?... a dôr pertence á vida.
Estou resignada, e não me assusto (*Momento de silencio*).
Oh! minha mãe!.. naquelle bello tempo;
Em que com vossos beijos me embalaveis,
Não podieis pensar que um tal destino
Coubesse á vossa tão querida filha!..
Se por ventura póde a vossa sombra
Invisivel vagar... (*Mudando de idéa*). Que pensamento!..
Se a despeito da morte a alma viesse
Assentar-se no tumulto do corpo,
E daquelles que em vida conhecera
Voasse em torno... oh! céos! se não é sonho!..
Eu... a minha alma, todo amor ainda,
Voára a vigiar junto de Estacio,
E o pranto de saudade, que lhe visse
Por Branca, pagaria lhe inspirando
Meigos sonhos, mais puros que os da terra,
Todos cheios de amor celeste e santo.

SCENA II.

BRANCA E COBÉ.

COBÉ (*examinando Branca com os olhos*).

Emfim!...

BRANCA (*admirada*).

Cobé!..

COBÉ (*respirando e aparte*).

Está bem; é tempo ainda;
Em seu rosto não ha signaes de morte,
Posso salval-a.

BRANCA.

Que imprevista causa
Te traz a este lugar?..

COBÉ.

Missão sagrada
A vossos pés conduz o vosso escravo.

BRANCA.

Que queres pois de mim?.. falla e depressa;
Não sobra o tempo... eu sei porque não sobra.

COBÉ.

Tambem o sei, por isso aqui me tendes. (*Aparte vendo o anel*).
Eis o anel assassino no seu dedo!..

BRANCA.

Que sabes pois?...

COBÉ (*depois de reflectir um momento*).

Agassamú não pôde
De seu filho esconder fatal segredo.
Quereis morrer, senhora?!

BRANCA (*dolorosamente*).

Ah! fui trahida!..?

COBÉ.

Morrer!.. morrer tão bella, e quando a vida
Tão feliz para vós correr pudéra!..
Que intento é esse?... o que vos acobarda?...
Só desculpar se deve o desespero,
Quando da salvação todos os meios
Se empregaram debalde; e vós, senhora,
Recursos tendes que lembrar-vos cumpre.

BRANCA.

Que recursos?..

COBÉ.

Cobé é vosso escravo;
Em corpo e alma todo vos pertence;
Fallae e será prompta a obediencia.

BRANCA.

Nada pódes por mim.

COBÉ.

Por vós, senhora,
Cobé ousará tudo, e nada teme,
Menos vêr-vos morrer. Se ha neste mundo
Um homem que atrevido vos offenda,
Dizei seu nome, que sereis vingada.
Se em summa o sacrificio de uma vida
P'ra vossa f'licidade é necessario,
Fallae... e a vida de Cobé se apaga;
Porém morrêrdes vós... oh! não! não posso;
Isso não soffro eu.

BRANCA.

Nobre Tamoyo,
Tanta dedicação eu te agradeço:
Mas tarde vens, e para o mal que eu tenho
O remedio propicio é só a morte.
Tu que amas, Cobé, pódes julgar-me;
Dize, se algum poder que respeitasses,
Contra o qual não podesses levantar-te,

Erguesse uma barreira entre tu'alma
E a alma de quem amas, que farias?

COBÉ.

Com meu braço a barreira destruíra.

BRANCA.

Que! tua dextra contra um pai se armára?!!!

COBÉ (*com força*).

Não, senhora; a barreira é esse infame
Sem nobreza, sem honra... esse cobarde
Que esposo quer-se impôr sem ser amado.
Já é demais na terra Gil da Cunha!
Antigas contas cumpre que ajustemos,
E eu vou...

BRANCA.

Não vás; prefiro antes a morte;
Minha resolução está tomada :
Morrerei...

COBÉ.

Por piedade!..

BRANCA.

Morrer devo.

COBÉ (*aparte*).

Só me póde valer um artifício ;
Tente-se tudo, empregue-se a mentira (*a Branca*)
Então nada vos muda o féro intento?

BRANCA.

Amor me dá firmeza.

COBÉ.

E pois é força
Cumprir fatal missão, útil a morte.
Senhora, Agassamú a vós me envia :
Um engano feliz póde trahir-vos ;

Em vosso annel não ha subtil veneno,
Ha licor innocente....

BRANCA.

Oh! Deos! que escuto!..

COBÉ.

Agassamú seu erro conhecendo,
Presto me manda a vós... convém que cêdo
Esse annel lhe envieis; devo leval-o
P'ra que cêdo tambem nelle vos traga
Veneno certo que affiance a morte.

BRANCA.

Cobé!...

COBÉ.

Dae-me o annel!

BRANCA (*desconfiada*).

Ah! tu me enganas!

COBÉ.

Esse annel!.. esse annel!..

BRANCA.

Queres roubar-me
A unica esperanza que me resta?..

COBÉ.

Esperança fatal!..

BRANCA.

Ella me é doce :
E' por amor que eu morro... isto me anima.

COBÉ (*com muito empenho*).

Mas vêde que esse annel não tem veneno:
Pensae... se o quereis ter... dae-m'o depressa.

BRANCA.

Cobé!...

COBÉ.

Dae-me esse annel.

BRANCA.

Duvida horrivel!.. *(depois de reflectir alguns momentos exclama)*

Mas oh! de amor inspiração ditosa!

Cobé, o annel te dou; juras trazer-m'o

Cêdo outra vez?..

COBÉ.

Sim; juro.

BRANCA.

Bem, attende:

A morte vás buscar-me; no entretanto,

Se o que existe no annel não é veneno,

Bebo, e não morro; se é veneno, apenas

A hora apresso, que chegar presinto:

Eil-o... *(tira o annel e o leva á boca)*.

COBÉ *(arrebatao promptamente o annel)*.

Nunca!.. era morte!.. *(com indisivel prazer)* oh! finalmente

És meu licor sinistro!.. annel querido,

Não te cedera, não, por mil thesouros!

BRANCA *(exasperada)*.

Oh! nefanda trahição!.. insano escravo!..

COBÉ *(sem attendel-a e contemplando o annel)*.

Eis uma pedra pequenina e leve

Fechando a vida do homem!.. uma gotta

De limpido licor é já de sobra

Para sumir da terra o mais vaidoso

Dos animaes!.. oh! vil miseria humana!..

BRANCA.

Oh! Deos!.. *(a Cobé)* por compaixão!.. morrer preciso....

Restitue-me o annel!.. Cobé, piedade!..

Cede a meu pranto... eu peço de joelhos... *(curvando-se)*

E's agora o senhor... eu sou a escrava!...

COBÉ (*querendo em vão erguel-a*).

Que fazeis?...

BRANCA.

Que te importa a minha vida?..

Esse annel é presente de quem amo ;
Não o cedo a ninguém, e hoje me guarda
Debaixo de uma pedra a minha esp'rança.

COBÉ.

Tereis o vosso annel, senhora, eu juro...
Mas não agora.

BRANCA (*erguendo-se exasperada*).

Barbaro selvagem!..

Eu te suppunha generoso e nobre,
E's vil como a serpente, que rasteja :
Miseravel!.. se acaso vale a praga
Sahida dos umbraes da sepultura,
Eu que já peso a pedra do meu tumulo...
Eu te maldigo!.. vai!.. miseria horrivel
Te persiga...e a teus olhos quem amares
Em desespero e longo transe morra!..
Sê maldito, selvagem, sê maldito!..
Foge da minha vista!.. eu te abomino!..
Por toda a parte fêra te persiga
A minha maldição!.. deixa-me! vai-te!..
Sê maldito, selvagem, sê maldito!..

COBÉ (*frio*).

Parto, mas voltarei ; e a praga horrivel
Vereis, senhora, se de vós mereço. (*Vae-se*).

SCENA III.

BRANCA.

Estou perdida!.. a ultima esperança
Para mim se apagou!.. misera victima

Vão arrastar-me a horrendo sacrificio!
 Eis-me só... sem amparo, abandonada... (*girando a scena*)
 Quem por mim!.. quem por mim!.. ah!.. Valentina!..
 (*entra Valentina.*)

SCENA IV.

BRANCA E VALENTINA.

VALENTINA.

Senhora, é tempo; só por vós se espera.
 Deixae que o véo e a virginal corôa
 Prenda em vossos cabellos.

BRANCA.

Desgraçada!..

VALENTINA.

Que recurso vos resta?.. vossas lagrimas.
 Infructíferas são; cedei ao fado;
 Não offendaes a Deos, desesperando;
 Nossa vida é assim... soffremos sempre.

BRANCA.

Valentina!..

VALENTINA.

Sentae-vos... eu vos peço... (*Branca senta-se machi-
 nalmente. Valentina põe-lhe o véo e a grinalda de rosas
 brancas*).

BRANCA.

O vestido da noiva em que differe
 Da mortalha da virgem?.. não são ambos
 Brancos?.. e a corôa da donzella
 Não se leva ao altar e á sepultura?..
 Sim! prende-me esse véo... põe-me essa c'rôa;
 Amortalha-me em vida!...

VALENTINA.

Inutilmente

Redobraes vossa dôr!

BRANCA.

Ah! Valentina!...

VALENTINA.

Socegae ; vosso espirito agitado
Prevê e soffre de autemão tormentos,
Que no futuro não tereis por certo.
Vosso esposo ha de amar-vos ; tão formosa
Tereis nelle um amante apaixonado :
Vinde... no espelho vossa imagem vêde ;
Os vossos olhos luminosos brilham
A despeito do pranto ; como alvejam
Entre as vossas madeixas negras, bastas
As brancas rosas da virginea c'rôa !
Como fulge a belleza em vosso rosto !
No arfar do seio exaltam-se os desejos...
Amor ardente vossas graças movem ;
Sois bella... sois gentil... e a f'licidade...

BRANCA.

Basta : sou bella, sou gentil !.. qu'importa ?..
Malditas sejam tão funestas graças !
D'ave sonora o doce canto é origem
De sua escravidão ; porque é formosa,
Do ramo que a sustenta a flôr arrancam ;
E a mulher, por ser bella... oh ! mil... mil vezes
E' condemnada a detestaveis laços !

VALENTINA.

Exagerada a vossa dôr desvaira.
Ouvi, senhora : o amor do terno esposo,
Que embora não amado vos adora,
Em breve ha de estancar as vossas lagrimas ;
O tempo o resto faz ; grata aos extremos
Que a Dom Gil deveréis, a indiferença
Do vosso coração irá fugindo,
Cedendo o posto pouco a pouco á estima,

Se não ao proprio amor : a natureza
Os vossos laços ornerà de flôres ;
Mimosos fructos da união sagrada,
Filhos queridos tornarão suaves
Essas cadeias que vos pesam hoje.
Ah! leio no futuro a vossa dita :
Sereis feliz!...

BRANCA.

Estacio!..

VALENTINA.

Oh ! não, senhora,
Nunca mais esse nome em vossos labios...

BRANCA (*exaltando-se*).

Sempre em meu coração!.. aqui não manda,
Aqui não tem poder a prepotencia!..
Arrastada ao altar do sacrificio,
Enregelada mão darei ao esposo
Que o destino me impõe; porém minh'alma
Nunca será perjura: eu não sou noiva,
Sou victima infeliz!.. irei de rastos
Aos pés do sacerdote!.. ao céu não hade
Chegar o falso voto que dos labios
Vão arrancar-me!.. Deos não póde ouvil-o!..
Será maldito este hymenêo sacrilego!
Seja esteril meu seio; Deos me escute!..
E quando em minha face o meu tyranno
Quizer depôr primeiro beijo... e os braços
Ao collo me lançar... em vez de esposa,
Beije... abrace um cadaver!.. Deos me escute!..

VALENTINA.

Ah! senhora!

BRANCA.

Retira-te: um momento
De liberdade á misera concedam. (*Vai-se Valentina tristemente*).

SCENA V

BRANCA.

Sem remedio!.. perdida sem recurso!..
 Não ha nada a esperar... oh! Deos mais nada!..
 Se o meu annel ao menos me restasse...
 Se o veneno... Cobé! porque não voltas?.. (*girando a scena*)
 Cobé! Cobé! soccorre-me!.. inda é tempo!..
 Cobé!.. (*estacando defronte do espelho*) oh! eis a victima enfeitada!..
 Sobre a minha cabeça alveja a c'rôa
 Das virgens; mas por baixo destas flôres
 Ha espinhos que pungem; não importa:
 Mulher, ergue a cabeça!.. o véo das noivas
 De meus cabellos pende... ao pé dos olhos
 Serve para enxugar as minhas lagrimas!..
 Brancas vestes... brilhantes... ricas joias...
 Que mais falta?.. mulher! bem diz teu fado;
 Inda que tenhas n'alma o desespero,
 Estende um bello riso nesses labios!..
 Illude a teu senhor, engana ao mundo;
 Arrasta os teus grilhões, e diz que és livre;
 De dôr estala, e jura que és ditosa!.. (*fugindo do espelho*)
 Oh! Deos!.. (*entra D. Rodrigo*) meu pai!..

SCENA VI.

BRANCA E D. RODRIGO.

D. RODRIGO.

Amada filha!

BRANCA (*aparte*).

Eu tremo!..

D. RODRIGO.

Filha, a missão de pai prestes acabo;
 Junto ao altar de Deos eu vou despir-me
 De minha autoridade, e meus direitos,
 Que assume o teu esposo; vás por elle

Para sempre deixar-me : não me queixo ;
 Mandam assim da sociedade os usos
 E os dogmas sagrados ; porém antes
 Que chegue essa hora deves escutar-me.

BRANCA (*aparte*).

Que irá dizer?.. que mais de mim pretendem?..

D. RODRIGO.

Serás esposa : nobre tit'lo é esse ;
 Mas com elle vos vêm serios deveres.
 Eu não te recommendo honra e virtude ;
 Fôra desconhecer-te o recordal-as ;
 Mas talvez sejas mãe : filha, o que hei sido
 Para ti, p'ra teus filhos tu ser deves ;
 Do nome que me levas zêla a fama ;
 Dá-lhe herdeiros que o brilho lhe conservem ;
 Ensina aos filhos teus, que alta nobreza
 Altas obrigações contrahe difficeis ;
 Não é de si um nobre ; a gloria sua
 Está em preferir ao proprio gosto
 O que dê mais renome aos seus vindouros ;
 E' da patria e do rei tudo o que é delle ;
 Sabe abafar paixões... odios... amores
 Em favor da nobreza de seu sangue.
 Basta o que dice ; cumpre o que te ensino ;
 Tenham teus filhos sorte como a tua.

BRANCA (*aparte e á meia voz*).

Seja esteril meu seio !.. Deos me escute.

D. RODRIGO.

Meus conselhos ouviste, amada filha ;
 Agora o altar te espera ; mas consente ;
 Que inda um momento aqui nos demoremos.
 Teu bello noivo apaixonado aspira
 A gloria de beijar a mão formosa,
 Que em breve vai ser delle ; quer de novo

Talvez jurar-te amor, e antes de esposo
Inda uma vez admirar-te as graças.
Entrae, D. Gil!

BRANCA (*aparte*).

O algoz contemple a victima.

SCENA VII.

BRANCA D. RODRIGO E D. GIL DA CUNHA.

D. GIL (*a Branca*).

Senhora, a vossos pés venho curvar-me
Agradecido pela dita immensa
Que emfim me concedeis; de nobre orgulho
Sinto-me cheio admirando aquella
Que vai ser minha esposa : aos santos dotes,
A's virtudes que Deos vos plantou n'alma
Deu-vos ainda a natureza encantos,
Que a palma da belleza vos consagram :
Minha ventura o meu amor iguala ;
E outra vez ante vós ajoelhado,
Senhora, eu peço que este amor ardente
Com terna estima me pagueis ao menos,
E que inda mais ao meu ardor cedendo
Não demoreis mais tempo o doce instante
Em que no altar de Deos sagrados laços
Em ditosa união devem prender-nos.

BRANCA.

Sôa a hora fatal!

SCENA VIII.

BRANCA, D. RODRIGO, D. GIL E VALENTINA.

VALENTINA (*a Rodrigo*).

Vossos amigos,
Senhor, enchem a sala e vos procuram.

D. RODRIGO.

Vou recebê-los já : Branca, não tardes ;
Dom Gil off'rece a mão á tua esposa,
E vêm apresental-a aos convidados. (*Vae-se com Valentina*).

SCENA IX.

BRANCA E D. GIL.

D. GIL.

Vamos, senhora !

BRANCA.

Inda um momento... eu peço...

D. GIL.

Branca !...

BRANCA.

Por compaixão... dae-me um instante!..
Quero resar primeiro...

D. GIL.

Tereis tempo
De sobra p'ra resar junto de um padre,
E aos pés do altar...

BRANCA.

Senhor!..

D. GIL.

Vamos!..

BRANCA.

Não posso!..

D. GIL (*agarrando-a e furioso*).

A' força mesmo se preciso fosse!!!...

BRANCA (*exasperada*).

Ninguém tenho por mim!.. ninguém me vale!..

Oh!.. (*Cobé apparece á porta: D. Gil larga Branca,
que corre a elle*) Cobé!..

SCENA X.

BRANCA, D. GIL DA CUNHA E COBÉ á porta.

BRANCA (*a Cobé*).

Meu annel!..

COBÉ (*a D. Gil*).

Dom Gil da Cunha!..

Emfim te encontro!..

BRANCA.

E o meu annel?.. depressa!.. (*estendendo o braço*).

COBÉ (*abre o annel, bebe o veneno, e entrega o anel a Branca*).

Eil-o (*fica em pé e de braços cruzados*).

BRANCA.

Que fazés?..

D. GIL.

Misero selvagem (*Cobé tem os olhos em D. Gil*).

Ousas aqui entrar?..

BRANCA.

Ah! que fizeste?..

COBÉ (*frio*).

Marquei um termo á minha desventura.

BRANCA.

O veneno?!?!

COBÉ.

Está dentro do meu seio.

BRANCA.

Oh !!!...

D. GIL.

Póde acaso um insolente escravo
Embargar-nos o passo?.. Branca, vamos ;
E' já de mais.

BRANCA.

Cobé!...

COBÉ (*dando um passo*).

Cobé por Branca !..

D. GIL.

Ousarias...

BRANCA.

Cobé!.. Oh ! desgraçada!..
Sacrifiquei-te!..

COBÉ (*olhando com desprezo para D. Gil*).

Eu nada mais receio.
Agora não os temo ; o meu cadaver
Terão sómente, e ao muito como abutres
Dilaceral-o pódem : tal vingança
Digna é de meu desprezo, e digna delles.

D. GIL.

Cobé! repara...

COBÉ.

A morte se approxima ;
Mortal veneno em minhas veias gira ;
Urge o tempo (*sinistramente*). Brilhou por fim o dia
Da vingança!.. o selvagem se levanta!.. (*terrivel até o fim*)
Dom Gil da Cunha!.. a hora é de nós ambos :
Quem á traição na choça surprehendeu-me
Foste tu !.. quem n'um jugo vergonhoso
Fez gemer minha mãe, tu foste ainda !..

A nossa escravidão a ti só devo!..
 Não vês pois que o teu sangue me é preciso?..
 Não adivinhas que por mim chegamos
 Ambos ao nosso dia derradeiro?..
 Ah! tu tremes, D. Gil?.. empallideces?.. (*D. Gil atterrado*)
 Onde está teu valor?.. não tens ao lado
 A espada dos guerreiros?.. soffrer pódes
 Injurias de um escravo!.. vil!.. cobarde!..
 Grande só nas traições, infame em tudo!..
 Oh!.. arranca essa espada da bainha!..
 Vêm!.. ataca o selvagem!.. não te moves?!!!
 Eu te desarmo pois!.. (*arranca-lhe a espada*) quebro essa espada!
(*quebra e atira-a*)
 Não pertence a um cobarde a arma dos bravos.
 Ficas immovel? crês que assim te deixo?..
 Esperas vêr extincta a minha vida,
 Para pisar talvez o meu cadaver,
 E ao altar de teu Deos levar de rastos
 Uma mulher que te não ama?.. oh!.. nunca!..
 Devo Branca salvar... quero vingar-me!..
 Não me has de escapar!.. aos pés de Branca
 Jurei matar-te!.. vem!.. (*avança sobre D. Gil e agarra-o*).

D. GIL.

Oh! soccorro! soccorro!

COBÉ.

Em vão tu chamas?

Primeiro morrerás...

D. GIL (*succumbindo*).

Perdão!!! piedade!..

BRANCA.

Cobé!.. Cobé!.. perdão p'ra o desgraçado!..

COBÉ (*arrastando D. Gil*).

Não posso dilatar minha vingança...

Sinto as ancias da morte no meu seio... (*arrastando D. Gil aos*
pés de Branca)

Oh!.. vem!.. vou deshonrar-me derramando

O sangue de um cobarde!.. não importa:

Morrerás.

D. GIL (*subjugado*).

Oh! perdão!..

BRANCA.

Cobé!.. perdoa!..

COBÉ (*erguendo uma faca*).

Não ha perdão p'ra o caçador de escravos!.. (*fêre a D. Gil*)
Morre!.. (*cahe D. Gil*).

BRANCA (*atirando-se de joelhos adiante do oratorio*).

Meu Deos!.. meu Deos!.. eu desfalleço!.. (*Cobé mal se sustêm*).

COBÉ (*desanimando*).

Branca!.. estaes livre!..

BRANCA.

Deos!.. misericordia!..

SCENA XI.

BRANCA *sempre de joelhos defronte do oratorio*; D. GIL, *morto*; COBÉ, *arquejando e sentindo os effeitos do veneno mortal*; AGASSAMU' *que entra e vai tomar a frente da scena, sem reparar no estado de Cobé*.

AGASSAMU'

Fica!.. mas vive a vida dos infames!..

Fica!.. mas...

COBÉ (*desfallecendo*).

Minha mãe... suspende... eu morro...

(*) Branca!.. Branca!.. eu te amava!.. adeos!.. (*expira aos pés de Branca*).

AGASSAMU' (*com um grito desesperado*).

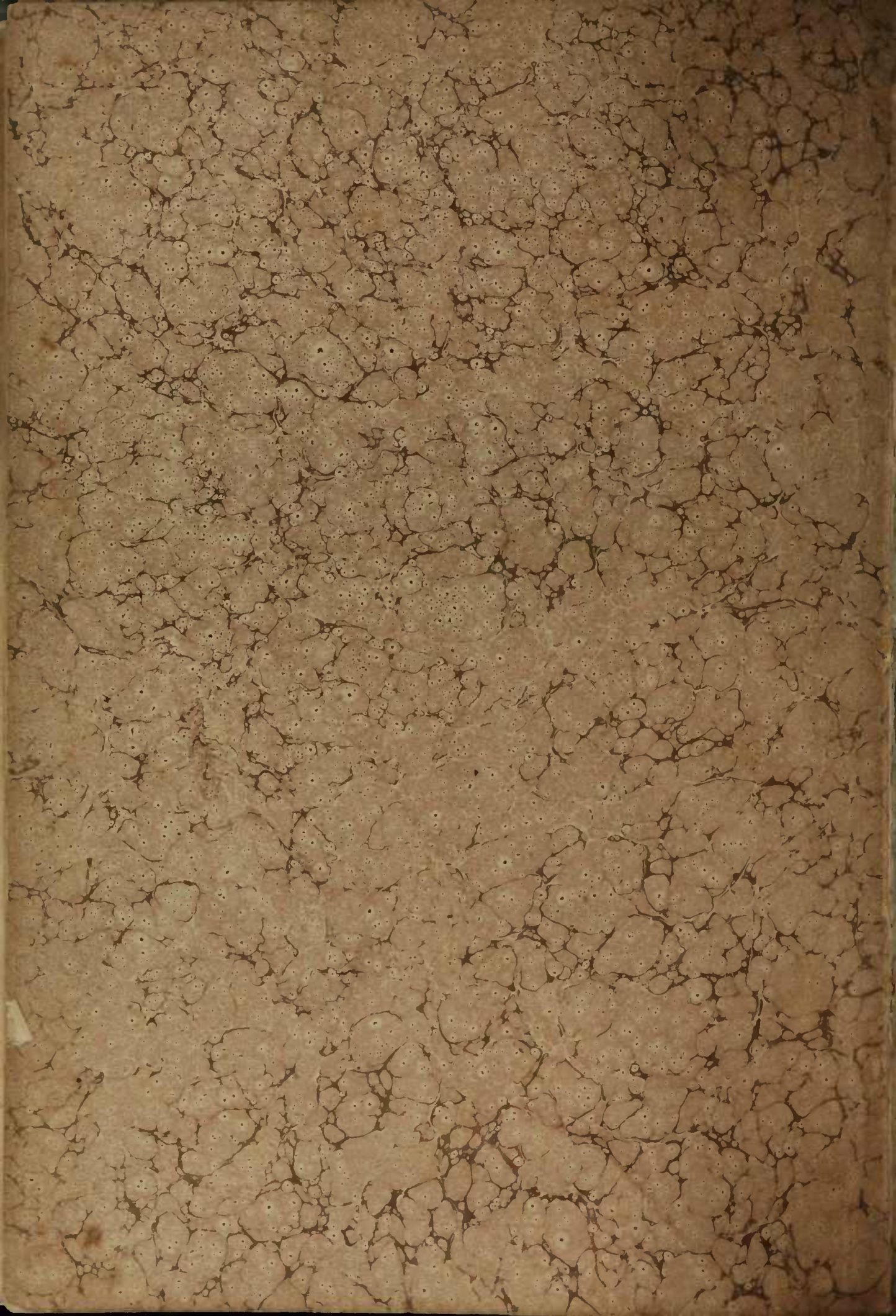
Meu filho!..

(*Agassamú corre ao filho já cadaver*).

O PANNO DESCE.

FIM DO DRAMA.

(*) Branca, que está de joelhos junto do oratorio, solta um grito e vem a Cobé; mas, vendo-o expirar, cobre o rosto com as mãos e vai outra vez cahir de joelhos no mesmo lugar.





BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital – com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).